

2

PÁGINA

Formação do leitor e diversidade na literatura infantil e juvenil
Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

Entrevista com Dagoberto José Fonseca

3

PÁGINA

Três mitos sobre as cotas étnico-raciais e sociais no Brasil
Lindberg Nascimento Júnior

4

PÁGINA

Descolonizando nossas almas
Alcides de Lima Tserewaptu e Roberta Navas Battistella

FÓRUM



Shutterstock

COM DIREITOS, SEM EXCLUSÃO

O *Jornal Unesp* e o caderno *Fórum* voltam a tematizar as condições da população negra no País. A ênfase é oportuna, visto que a Organização das Nações Unidas decidiu que, entre 2015 e 2024, acontecerá a Década Internacional de Afrodescendentes, um período voltado para a promoção

de discussões e ações que ajudem a garantir os direitos dessa vasta comunidade, essencial na formação de nações como o Brasil. Nesta edição, as reflexões envolvem aspectos como os efeitos das cotas raciais na educação nacional, um assunto que ainda levanta grande polêmica. Outra

questão focalizada é a importância da literatura infantil e juvenil, que tem desempenhado um papel relevante no combate aos preconceitos no Brasil. Também é colocado em relevo o tema da transmissão oral da cultura e da preservação de tradições de origem africana entre os negros brasileiros.

FORMAÇÃO DO LEITOR E DIVERSIDADE NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira



Ilustração do livro *Três anjos mulatos do Brasil*, de Rui de Oliveira

O estudo das narrativas infantis e juvenis que tematizam a questão étnico-racial, embora venha sendo desenvolvido por pesquisadores das áreas de Letras e Educação, desde o boom dessa produção nos anos 1970, e seja ampliado, no final da década de 1990, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que focalizam a pluralidade cultural, assume relevo, em 9 de janeiro de 2003, no âmbito das políticas afirmativas, com o decreto pelo Congresso Nacional da Lei nº 10.639. Essa lei altera a 9.394/1996, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, com o fito de incluir a obrigatoriedade do ensino sobre história e cultura afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares.

Conforme parágrafo primeiro de seu artigo 26-A, o conteúdo programático deve contemplar o estudo da história da África e dos africanos, bem como a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, com a finalidade de resgatar a contribuição do povo negro nas diferentes áreas pertinentes à história do Brasil. De acordo com seu parágrafo segundo, esses conteúdos devem ser ministrados no currículo escolar, sobretudo, nas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileiras. [...] Em 10 de março de 2008, a Lei 11.645 altera a 10.639/2003, regulamentando a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena em todos os níveis de ensino.

Como um dos produtos culturais mais valorizados em nossa sociedade, a literatura se faz presente nessa perspectiva, por meio de narrativas que tematizam a questão étnico-racial. Como exemplo, vale citar três obras juvenis que problematizam o preconceito racial, de forma crítica e com tratamento estético: *Nó na garganta*, de Mirna Pinsky, com ilustrações de Andréa Ramos, e *Xixi na cama*, de Drummond Amorim, com ilustrações de Robson Araújo, ambas publicadas em 1979; e *Três anjos mulatos do Brasil*, escrita e ilustrada por Rui de Oliveira, publicada em 2011. Na mesma esteira, a obra infantil *O presente de Ossanha*, de Joel Rufino dos Santos, com ilustrações de Maurício Veneza, publicada em 1997, apresenta a amizade autêntica entre crianças, como fator de superação de preconcei-

As obras aqui apontadas promovem desejos de mudança social, de criação de uma sociedade mais justa

tos. Também infantis, *O menino marrom*, escrita e ilustrada por Ziraldo, publicada em 1986; e *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, com ilustrações de Claudius, publicada em 1996, pela representação de protagonistas inteligentes, divertidos e felizes, cujas peripécias cativam a criança leitora, permitem-lhe reconhecimento e projeção imagética nesses heróis [...].

A memória cultural africana é abordada na obra infantil *Raio de Sol, raio de Lua*, de Celso Sisto, ilustrada por Maurício Negro e publicada em 2011. Sua narrativa etiológica, ao retomar uma fábula do Senegal, elucida a criação do Sol e da Lua, permitindo a recuperação de uma herança cultural. [...] Outro exemplo recai na obra juvenil, dotada de poeticidade e fantasia, *Comandante Hussi* (2006), do cabo-verdiano Jorge Araújo, ilustrada pelo angolano Pedro Sousa Pereira, editada em 2003, mas publicada no Brasil em 2006. Seu enredo trata da luta interna de um menino inteligente, criativo e sensível que, em Guiné-Bissau, deve abdicar dos jogos de infância, para ajudar nos esforços de guerra. [...]

As obras aqui apontadas, enfim, pelo seu viés crítico, promovem desejos de mudança social, de criação de uma sociedade mais justa e igualitária. [...] Para a criança e o jovem afrodescendentes, a valorização da cultura africana e afro-brasileira permite-lhes seu reconhecimento como herdeiros desse significativo e rico legado.

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira é professora da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Câmpus de Assis.

A íntegra deste artigo está disponível no "Debate acadêmico" do Portal Unesp, no endereço <<http://goo.gl/8sBySK>>.

A IMPORTÂNCIA DA DÉCADA DOS AFRODESCENDENTES

DAGOBERTO JOSÉ FONSECA
Por Oscar D'Ambrosio

A Assembleia Geral da ONU, por meio de sua Resolução nº 68/237, de 23 de dezembro de 2013, proclamou a Década Internacional de Afrodescendentes, com início em 1º de janeiro de 2015 e término em 31 de dezembro de 2024, com o tema "Afrodescendentes: reconhecimento, justiça e desenvolvimento". O principal objetivo dessa proposta consiste em promover o respeito, a proteção e a realização de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais de afrodescendentes, como reconhecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Docente da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da Unesp em Araraquara, Dagoberto José Fonseca analisa nesta entrevista o significado dessa medida, entre outros assuntos. Graduado, mestre e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, pós-doutor em Educação pela Unicamp e livre-docente em Antropologia Brasileira pela FCL/Araraquara, Dagoberto atua nas áreas de Antropologia e Sociologia, com ênfase em Antropologia das Populações Afro-brasileiras e Africanas.

JORNAL UNESP: Segundo a ONU, a Década dos Afrodescendentes será uma oportunidade para se reconhecer a contribuição significativa dos afrodescendentes, bem como propor medidas concretas para promover sua inclusão total e combater todas as formas de racismo, discriminação racial, xenofobia e qualquer tipo de intolerância relacionada. Como o senhor analisa essa proposta?

DAGOBERTO JOSÉ FONSECA: A década estabelecida pela ONU é um reconhecimento para as populações afrodescendentes. Trata-se de uma ação de extrema importância que coloca o desafio de se reconhecerem necessidades e promover equidade num contexto planetário, atingindo quem mora na África e fora dela e sofre, desde o século XV, um quadro de vulnerabilidade social e econômica. O objetivo maior é erradicar a miséria, a pobreza e a desigualdade, além de combater o racismo, seja no cotidiano, seja na esfera dos Estados. Isso inclui o combate à corrupção, pois traz o desafio de pensar como exemplos de boa governança e de sólida administração política e social podem atingir a população negra.

JU: Nesse contexto, as migrações são essenciais?

DAGOBERTO: A presença de refugiados do continente africano e do Haiti em outros países, inclusive no Brasil, precisa ser motivo de densa reflexão. Essas populações, africanas ou de ascendência africana, são extremamente fragilizadas. É essencial que exista um aumento da consciência sobre essa questão em termos individuais e nacionais.



Simone de Lolola Ferreira Fonseca

Negros e africanos não só contribuíram com o Brasil, mas o construíram nas mais variadas dimensões

JU: Em junho último, o senhor lançou o livro *Diáspora africana e migração na era da globalização: experiências de refúgio, estudo, trabalho* (Editora CRV, 216 páginas), organizado em parceria com Bas'ilele Malomalo e Mbuyi Kabunda Badi. Como a obra se insere nessa discussão?

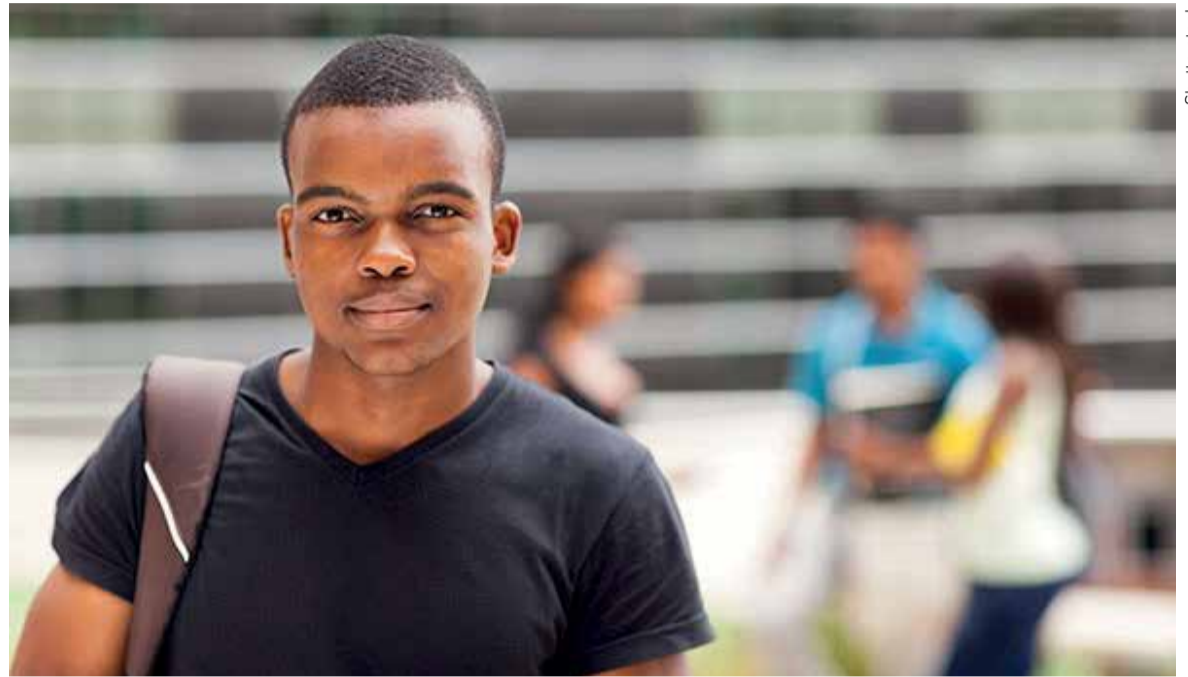
DAGOBERTO: Trata-se de uma coletiva de reflexão crítica sobre a globalização. Entendemos que a diáspora negra foi a primeira grande globalização, se for considerado que o ser humano nasceu na África e foi se espalhando por Europa, Ásia, Oceania e Américas. Ressaltamos ainda que a categoria de migrantes não é única, pois existem dimensões sociais, políticas e econômicas diferenciadoras, por exemplo, entre os haitianos que entram no Brasil pelo aeroporto de Guarulhos e pelo Acre. No caso específico da África, vale lembrar, por exemplo, que um celular é feito com 40% de ferro. O Congo é um dos países que mais têm esse minério no mundo, mas a riqueza que está embaixo da terra não é distribuída igualmente entre os que estão acima do solo.

JU: E no Brasil: como essas discussões vêm sendo tratadas?

DAGOBERTO: Negros e africanos não só contribuíram com o Brasil, mas o construíram, nas mais variadas dimensões, como a língua, já que o gerundismo pode ter as suas origens na língua banto, além da relevância na cultura, na religião, na música e na culinária. A educação é uma maneira de combater o preconceito.

TRÊS MITOS SOBRE AS COTAS ÉTNICO-RACIAIS E SOCIAIS NO BRASIL

Lindberg Nascimento Júnior



Shutterstock

Desde sua concepção e efetivação (com a iniciativa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, em 2002), as políticas de cotas têm sido compreendidas ora como mais um limite de manutenção e reprodução do racismo, ora como uma possibilidade de sua erradicação, pela promoção de mobilidade social e a valorização da diversidade.

[...] De natureza conflituosa, contraditória e dialética, as cotas introduzem componentes necessários para promoção e democratização da universidade, relativização da meritocracia por modelos socialmente seletivos, transformam e ressignificam o que deveria ser direito, em benefício.

Limite x possibilidade, direito x benefício são pares dialéticos, e podem ser representados como questões e mitos, uma vez que oferecem um dimensionamento simbólico num conjunto sistemático de argumentos pró e contra cotas ao imaginário e cotidiano social.

A primeira questão é sobre a qualidade das universidades com sistema de cotas. A desmitificação dessa questão é elaborada a partir dos relatórios de avaliação de desempenho acadêmico, que atestam a não existência de diferenças significativas entre estudantes cotistas e não cotistas. [...] Nessa perspectiva, a qualidade das universidades tem mudado pela inclusão de cotistas.

Por outro lado, estudantes cotistas têm participado mais de outros espaços de formação na universidade (projetos de iniciação científica, eventos acadêmicos, grupos de pesquisa etc.) do que os estudantes não cotistas. A maior proporção evidencia que o estímulo e a motivação aparecem como fatores de aumento da qualidade dessas universidades, com alunos e profissionais formados nas três dimensões da universidade (UERJ, 2014).

A segunda questão é o mito da reafirmação do racismo. Nessa questão, são incluídos os critérios da miscigenação no Brasil (impossibilidade de diferenciação entre negros, índios e brancos), que tende a desmanchar o critério raça-cor, dando lugar ao critério social. Sendo coincidência ou fato, a pobreza no Brasil tem cor, e a população negra, junto com a indígena, é

mais representativa das arbitrariedades históricas, em relação às desvantagens e hierarquias entre as outras populações e segmentos sociais. [...]

O sistema de cotas age nesse processo, dando voz e extinguindo o silêncio de algo que atua de forma escondida, sorrateira e imbricada nas instituições públicas, privadas de todos os setores da sociedade – o racismo. [...]

A terceira questão se associa ao mito do mérito acadêmico, em que as cotas aparecem como benefício que segrega ainda mais os negros, os índios, os pobres e os deficientes. [...]

De natureza conflituosa, as cotas introduzem os componentes necessários para a promoção e democratização da universidade

É a questão que possui maior sagacidade e legitimação social, pois se associa ao privilégio dos indivíduos baseados na mensuração do desempenho, da eficiência e da produtividade (BARBOSA, 1996), que se estrutura pela manutenção e pela reprodução da sociedade de classes, da divisão do trabalho e da hierarquia social e cultural (TRAGTENBERG, 1990).

Sua desmitificação ocorre quando compreendemos que o histórico de lutas, de segregação e de discriminação se coloca na discussão do mérito com outra dimensão qualitativa. Que considera as cotas como uma vitória, uma vez que o espaço da universidade era seletivo e elitizado, e recebe a diversidade como trunfo, o reconhecimento social como conquista, e a educação superior como direito transfigurado em orgulho.

Referências

BARBOSA, Lívia. *Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

TRAGTENBERG, Maurício. *Sobre educação, política e sindicalismo*. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

Lindberg Nascimento Júnior integra o Coletivo Estudantil Mãos Negras – Juntas contra o Racismo na Unesp, do Câmpus de Presidente Prudente, onde é pesquisador do doutorado em Geografia.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* dia 24 de julho de 2015.

A íntegra deste artigo está disponível no "Debate acadêmico" do Portal Unesp, no endereço <<http://goo.gl/WHkRvw>>.

DESCOLONIZANDO NOSSAS ALMAS

Alcides de Lima Tserewaptu e Roberta Navas Battistella

A proposta deste texto é de um diálogo entre os saberes acadêmicos e os orais; entre os saberes tradicionais e os eruditos; é uma iniciativa para se pensar a descolonização das nossas almas. [...] Buscamos refletir brevemente sobre as condições dos afrodescendentes no contexto brasileiro, com base em uma abordagem epistemológica – que perpassa por perspectivas históricas, educacionais, sociais e culturais.

Nos conhecemos em dezembro de 2012, no interior das vivências do curso de extensão (1), ministrado por mestres da cultura oral, professores e pesquisadores acadêmicos, intitulado Pedagogia Griô e Produção Partilhada do Conhecimento (FFLCH – USP), no qual experimentamos, conhecemos e refletimos sobre propostas e novas abordagens conceituais do universo das culturas orais do Brasil e das possibilidades de uma maior socialização desses saberes no âmbito do ensino em geral. [...]

Em sociedades orais, “se reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, tradição oral”. Nesse sentido, o conceito de tradição oral pode ser definido como “de fato, um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra” (VANSINA, 2010). No continente africano, em determinadas regiões, como a do Mali, as figuras que representavam esta transmissão eram os mestres da tradição oral e griôs (griots), que podem ser divididos em griôs músicos, griôs embaixadores, griôs louvadores e genealogistas.

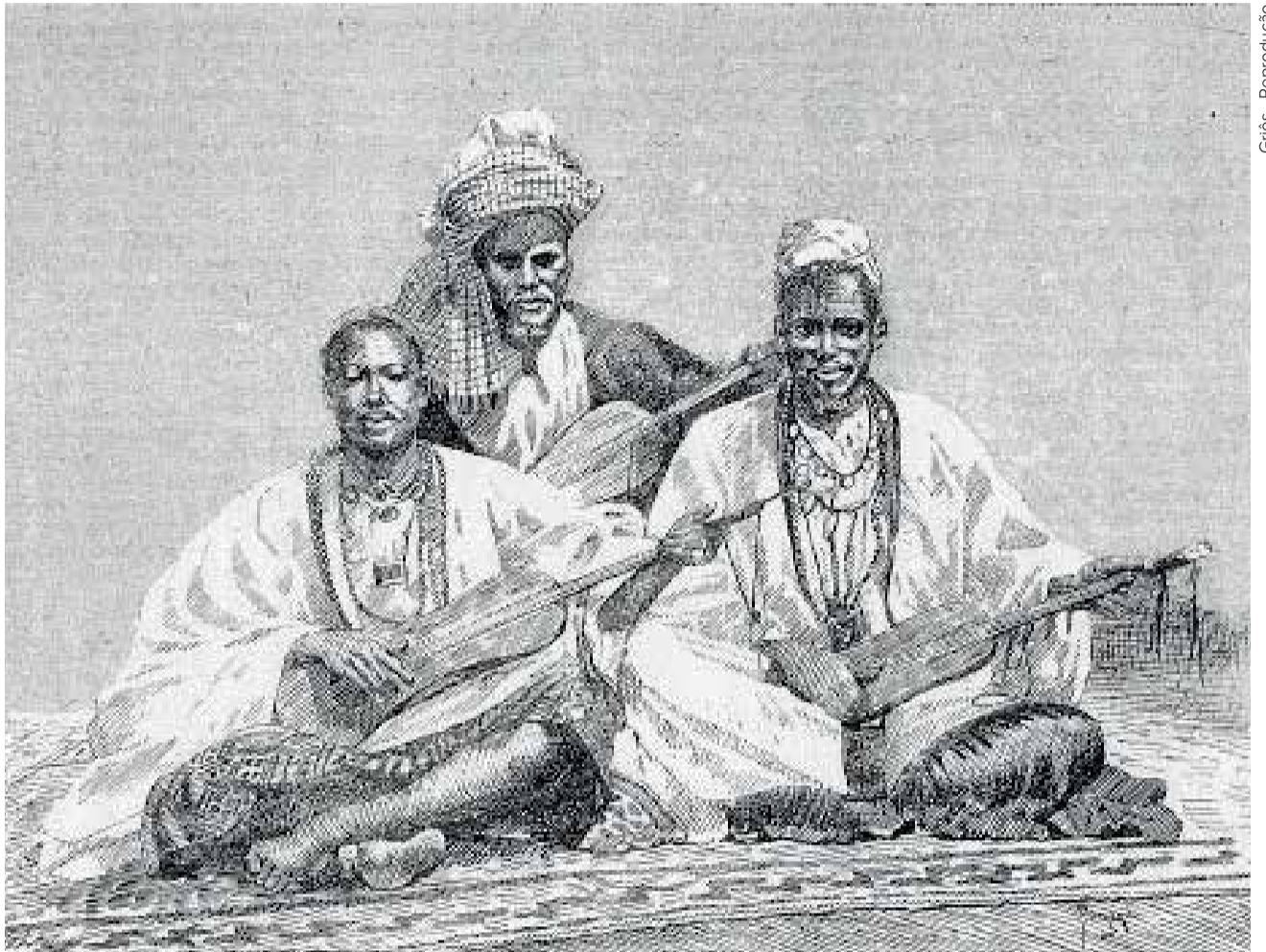
Para nós, o termo griô simboliza uma forte expressão tanto da valorização dos saberes orais oriundos dos recônditos rurais e das cidades do Brasil, quanto da valorização do encontro entre a brasilidade e o mundo diverso que a compôs. [...]

De acordo com Mestre Alcides, os griôs e mestres da tradição oral “são todos aqueles e aquelas que detêm um saber que vem sendo transmitido por várias gerações, secular ou milenar através da oralidade, e se reconhece e é reconhecido/a por sua comunidade”. [...]

Por um lado, a sabedoria do griô reconhece que sua existência só foi possível em consequência dos antepassados que a constituíram, por meio de um movimento dinâmico de culturas em contínua formação – que chegaram no Brasil e têm construído seus modos de transmissão pela oralidade e seu caminho de entregá-la ao universo de sua comunidade. Por outro, o saber do griô é uma forma de definirmos o que pode ser familiar, e é por meio das histórias dos mestres que os objetos da cultura adquirem vibração. Tambores, redes, tapetes, vasilhas, muzuás, artesanatos etc. adquirem vida graças às histórias (re)contadas pelos mestres. Esse saber oral tem seu grande fundamento na intenção de compartilhar vivências, que podem estar inscritas nos rituais religiosos, nas danças, na capoeira (BAIRON, 2012).

Nas sociedades tradicionais seculares e/ou milenares do continente africano, as culturas não são constituídas sob divisões, ou seja, em partes: elas são um todo. Já em sociedades ocidentais, a constituição cultural se dá de maneira mais desconectada. Acreditamos que, no contexto ocidental, isso possa ter ocorrido devido à reelaboração e à junção das diferentes culturas. Até um certo ponto, por necessidade; por outro lado, por ser uma estratégia das culturas “dominantes” para um melhor e maior controle, pois no acontecer dessa divisão ocorre uma disputa para que se legitime qual delas é a mais qualificada, a mais “original”: a verdadeira.

Podemos citar como exemplo o que aconteceu com duas grandes maltas de capoeira na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX, Guaiamuns e Nagoas. A primeira se dizia originalmente brasileira e defendia o partido republicano, a segunda se dizia originalmente



Griôs - Reprodução

Nessa descolonização, deve haver espaço para uma ressignificação da historicidade, na qual se discuta o processo genocida de colonização

africana e defendia o movimento monarquista.

As culturas tradicionais são construídas, elaboradas, atualizadas e transmitidas por suas comunidades, não tendo dono. Já o que vemos na contemporaneidade é a apropriação das culturas tradicionais por parte dos grupos dominantes, atendendo exatamente à proposta desses grupos, pois desarticulam a força da cultura no seu sentido de resistência social. Isso também se aplica à capoeira, uma vez que, na discussão acerca da capoeira angola (mãe) – africana, negra – e da capoeira regional, brasileira, branca, é necessário reconhecer que no passado não existiam essas duas nomenclaturas, era somente capoeira. Se pegarmos a etimologia da palavra capoeira, esta não abriga em seu nome a origem africana, mas sim indígena, kaá-pu'era, (Tupi) – o mato ralo ou cortado.

O que buscamos com a descolonização das nossas almas? O encontro para o reconhecimento, para o diálogo, para o respeito unido a um orgulho incondicional da nossa formação cultural, que abriga suas diversidades nas raízes indígenas, africanas, europeias. Por outro lado, nessa descolonização deve haver espaço para uma ressignificação da historicidade, na qual se discuta o processo genocida de colonização, que ainda persiste em determinar os valores dos saberes e, por consequência, os valores das nossas vidas.

Alcides de Lima – Mestre Alcides Tserewaptu é mestre de capoeira e de tradição oral, licenciado pleno em Educação Física e Pedagogia, com especialização em Educação Física Infantil e Ginástica de Manutenção.

Roberta Navas Battistella é relações públicas, mestranda do programa de pós-graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da FFLCH – USP.

(1) Apresentação audiovisual do curso disponível em: <<https://goo.gl/su8nFG>>.

Notícia publicada no *Portal Univesp* sobre o curso em: <<https://goo.gl/0hQNKa>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

Bibliografia

- BAIRON, Sérgio. Livre-docente da USP fala sobre a Lei Griô. 2012. Disponível em: <<http://www.acao.org.br/blog/2012/11/13/sergio-bairon-livre-docente-da-usp-fala-sobre-a-lei-grio/>>. Acesso em: 14 jun. 2015.
- BATTISTELLA, Roberta N.; LAZANEO, Caio. Fundamentos da produção partilhada do conhecimento e o saber do Mestre Griô. *Revista Diversitas*, n. 3. USP, São Paulo: 2015, p. 247-265.
- COSTA, A. C. F.; LIMA, M. A. Entrevista com Mestre Alcides de Lima. *Revista Diversitas*, v. 2, 2014, p. 385-396.
- HAMPÁTÊ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Coord.). *Metodologia e Pré-história da África, História Geral da África*. Brasília: Unesco, 2010. v. 1, p. 193.
- LIMA, Alcides de (Org.). *Capoeira & Educação: coletânea de estudos e práticas*. São Paulo: Ceaca, 2013.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negrada instituição: os capoeiras na corte imperial 1808-1850*. Campinas: Unicamp, 1993.
- VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. (Coord.). *Metodologia e Pré-História da África, História Geral da África*. Brasília: Unesco, 2010.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do *Portal Unesp*, no endereço: <<http://goo.gl/K4TK7M>>.



5 Coleção Propg Digital supera 10,5 milhões de downloads e lança mais 33 obras

4 Equipe de Assis organiza e disponibiliza acervo cedido pela Editora Abril

11 Mudança em dieta de animais reduz gordura e torna carne suína mais saudável



jornal unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA • ANO XXXI • NÚMERO 314 • SETEMBRO 2015



Ilustração Paulo Ciola

CIÊNCIA EM NOVA DIMENSÃO

Instalado em Botucatu, o Instituto de Biotecnologia (Ibtec) promove o trabalho interdisciplinar, a colaboração internacional, a parceria com empresas e a captação de recursos privados e públicos a fim de realizar pesquisas para combater doenças como a malária, a dengue e o câncer, além de buscar o melhoramento genético de espécies vegetais. **páginas 8 a 10.**

7 Convênio vai ajudar revitalização do Parque Geológico do Varvito de Itu

11 Associação com macadâmia torna plantação do café mais produtiva

4 Repositório Institucional Unesp avança em ranking de acervos de dados

Tempo de inclusão
Década Internacional de Afrodescendentes estimula debates sobre condição do negro no País



Todos nós viemos da terra

É necessário reavaliar o papel da cultura afrodescendente na construção do mundo

Maria Luisa Justo Gómez, Ana Maria Quílez Guerrero e Raquel Regina Duarte Moreira

Jean Baptiste Debret

“**D**os pobres sabemos tudo... Só precisamos saber por que são pobres...”

Será porque a sua nudez e sua fome nos alimenta?...”

Eduardo Galeano, *As crianças dos dias*.

(Eduardo Galeano, *Los hijos de los días*.)

A raça. A etnia. A cor da pele. O que nos torna realmente diferentes? A origem de um indivíduo pode definir o seu direito a uma vida digna? Quando é que vamos parar de ser desiguais?

1492. O Reino de Castela sente que toca com os dedos da imortalidade. Desconhecemos essas terras, esses povos e essa história. Mas isso é secundário, uma vez que apenas um dos lados pode e tem a intenção de decidir se quer conviver ou não. E essa é a lacuna que nos tem acompanhado durante séculos. O desejo de escravizar, que escraviza, que satisfaz e que padece. O desejo que faz com que os dois lados nunca mais sejam os mesmos. Porque cada homem se torna peça insubstituível em uma terra que já apresenta um equilíbrio perfeito, o que não é necessário e nem oportuno alterar. E, no entanto, portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses e franceses se interessaram em alterá-lo.

Hoje em dia, nós pensamos que o fenômeno da escravidão e suas posteriores consequências em face da comunidade afrodescendente é uma questão que está obsoleta, mas para quem?

São numerosos os países ao redor do mundo com a presença afrodescendente. Imagine-mos duas crianças nascidas no Brasil ao mesmo tempo, uma com a pele clara e outra com a pele escura. A primeira barreira que podemos encontrar ocorre no momento de registrar tais nascimentos, uma vez que, no Brasil, 20% da população não-branca não é registrada; portanto, apenas um deles, pela cor da sua pele, nasce com menor possibilidade de ser registrado. À medida que crescem, essa desvantagem é acentuada pela segregação que existe no acesso à educação,



Obra de Debret mostra africanos dançando no Brasil, no século XIX: cultura negra influenciou diversos países

o que explica que 87% dos adolescentes brasileiros sem escolaridade são negros. A isso se acrescenta a identificação social que se vai desenvolvendo em ambos os indivíduos em idade adulta. Nesse contexto, 80% dos presidiários brasileiros são “morenos”, e tanto as crianças como os idosos em “situação de rua” não são brancos, por causa das leis que estavam em vigor até pouco mais de um século, como foi a “Lei do Ventre Livre” (1871) e a “Lei dos sexagenários” (1885). Leis que ainda hoje em dia são relatadas como propostas positivas e que vieram de um governo “generoso”.

Essa influência da ideologia do “branqueamento” tem como resultado que, ainda hoje, permanecem vislumbres de uma população negra que se sente com complexo de inferioridade. Essa “carga” de identidade se reflete de fato em 70% dos não-brancos do Brasil, que vivem a cor de sua pele como um conflito interno, e que se veem “obrigados” a assumir

os valores e modelos brancos. Essa “normalização” dos sinais de discriminação racial que atualmente tem lugar em nível político, econômico, cultural e social, constitui um dos maiores problemas que encontramos na hora de combater todas as formas de desigualdade: é a negação da mesma. Por conseguinte, é necessário reavaliar o papel desempenhado pela cultura afrodescendente na construção do mundo, tal como nós a conhecemos, e reduzir toda a sociedade acerca do estigma de gerações que significou o tráfico de escravos para todas as partes.

Em um sistema como o que vivemos, onde os ritmos e as obrigações autoimpostas controlam nossa existência, uma filosofia de vida que nasceu nos quilombos ou palenques pode ajudar-nos a transformar uma sociedade que se esqueceu da sua natureza em comum. Por exemplo, existe um componente espiritual que se manifesta com frescor e vitalidade exclusivamente em sons

de povos negros. Além disso, o conceito africano de família, clã ou bairro alimenta as crianças a respeitarem todos os membros da comunidade, com um sentimento de pertencimento, e também instila um modelo de sociedade comunal diversificada, que pode combater a consolidação de uma sociedade ocidental solitária, em vez de solidária. Promover a recuperação e conservação desses quilombos pode ser uma referência à necessidade de explorar como esses aspectos vêm evoluindo e hoje nos inquietam a todos, como trabalhar a terra com respeito, o desenvolvimento sustentável e o cultivo ecológico e/ou agricultura biológica, e criar espaços de encontro entre os componentes étnicos, tribais e/ou ancestrais, tribais dos clãs, frente ao uso da tecnologia.

Os povos africanos são agricultores. Nós podemos fazer uma comparação com o milho. De acordo com o Popol Vuh, no livro sagrado dos povos indígenas da Mesoamérica, o

homem finalmente foi criado a partir das quatro principais variedades do milho: branco, amarelo, vermelho e negro. Cada variedade tem o seu impacto no terreno e traz seus próprios benefícios para o organismo. O que aconteceria se o cultivo de algumas dessas variedades fosse mais promovido em comparação com as outras? E se algumas delas desaparecessem?

No final do dia, todos somos provenientes do milho.

Todos nós viemos da terra.

Maria Luisa Justo Gómez
Sevilha, Espanha

Ana Maria Quílez Guerrero
Universidade de Sevilha,
Espanha

Raquel Regina Duarte Moreira – Unesp
Faculdade de Ciências
Farmacêuticas – Araraquara,
SP, Brasil

Quando a lei muda de cor

Livro revela como propostas originais foram alteradas no Estatuto da Igualdade Racial em vigor

Oscar D'Ambrosio

O Estatuto da Igualdade Racial, aprovado pelo Congresso, foi transformado na Lei 12.288/10, publicada no *Diário Oficial* de 21 de julho de 2010. A primeira versão do texto foi apresentada pelo senador Paulo Paim, em 2003, e a aprovação pelo Senado no dia 16 de junho de 2010, em votação simbólica, ocorreu por acordo partidário, após longa tramitação pelo Congresso. As alterações que aconteceram entre a primeira versão e a que foi aprovada são o tema do livro *O estatuto da igualdade racial* (Coleção Consciência em Debate, Selo Negro Edições, 96 páginas), de Sidney de Paula Oliveira, advogado pela Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie e formado em Letras pela USP. Pós-graduado em Direitos Humanos pela Escola Superior da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo (ESPGESP), ele mostra que a lei aprovada ficou muito aquém das aspirações dos idealizadores do projeto que lhe deu origem.

Jornal Unesp: Qual é o principal objetivo do livro?

Sidney de Paula Oliveira:

Busca-se estimular a reflexão, o debate e a análise sobre um tema de grande relevância, sobretudo para aqueles que se debruçam de forma incansável sobre as relações raciais no Brasil, em especial os negros, afrodescendentes e antirracistas. É feita uma comparação entre o projeto de lei idealizado por Paulo Paim e o que foi sancionado pelo presidente Lula. A descaracterização ocorrida foi o preço pago para a aprovação.

JU: Quais as principais mudanças?

Oliveira: Havia questões fundamentais envolvendo a previsão de cotas em educação, mercado de trabalho e meios de comunicação, principalmente televisão. Buscava-se um número maior de benefícios para as populações carentes de leis que amparem seus desejos e anseios. O projeto de lei foi esvaziado e descaracterizado, havendo alterações substanciais em seu cerne e essência. Tem havido uma série de dificuldades em colocar

Mito sobre relações raciais cordiais no Brasil prejudica ações afirmativas

em prática o que estava previsto. O relator Demóstenes Torres identificou os termos relacionados com raça e os extirpou do texto. A possibilidade de colocar em prática não se perdeu, mas há grandes dificuldades. Alguns itens precisam ser regulamentados, o que ainda não foi feito, num processo muito moroso.

JU: A questão das cotas nas universidades é um reflexo disso?

Oliveira: Há muitos tipos de ações afirmativas. A modalidade de cotas raciais é uma delas. Existe ainda na sociedade uma visão refratária sobre as questões raciais. As universidades públicas, por exemplo, têm autonomia de decisão, mas a inclusão se daria de uma maneira mais qualitativa se o estatuto fosse aprovado como gostaríamos. Costumo comparar o Estatuto com as leis que amparam os deficientes, onde parece não haver barreiras da sociedade, mas, quando a questão é racial, surgem restrições que envolvem



Reprodução

Para Oliveira, tema entrou na pauta da sociedade

a manutenção do poder, já que, para muitos, qualquer mudança é um risco. Isso mostra como os negros e seus descendentes continuam a ser vistos, por muitos, como cidadãos de segunda classe.

JU: Nesse contexto, qual é a sua visão de futuro do Estatuto?

Oliveira: Tenho uma visão otimista. O maior dado positivo é que o assunto entrou definitivamente em pauta na sociedade e no parlamento. A Lei

nº 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, por exemplo, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais e institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. A distribuição das vagas da cota racial será feita de acordo com a proporção de índios, negros e pardos do Estado onde está situado o câmpus da universidade, centro ou instituto federal, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A Lei obrigou as pessoas a se posicionarem, mostrando a cara e seus argumentos.

JU: O mito das relações cordiais entre brancos e negros ainda é muito forte no Brasil?

Oliveira: É comum citar o mito de Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, sobre as relações afetivas, amorosas e sexuais entre escravocratas e escravizados, argumentando-se que não teria

havido estupros, mas relações consensuais. Essa visão repercutiu na nossa realidade. Esse tipo de raciocínio desqualifica ações afirmativas no Brasil onde não houve leis segregacionistas, mas, sob o argumento do "racismo cordial", um sistema perverso em que permanecem grandes dificuldades de realizar ações de igualdade para o povo negro.

JU: Quais dificuldades são essas?

Oliveira: Faltou, por exemplo, articulação nos movimentos negros para que o essencial da primeira versão do Estatuto permanecesse no texto aprovado. No processo de tramitação, não ocorreu um lobby eficiente pela falta de recursos financeiros para deslocamento de pessoas e grupos que tinham essa temática em sua pauta. Um de meus objetivos nos próximos anos é justamente acompanhar os desdobramentos do Estatuto e a, até agora, lenta regulamentação de alguns de seus itens. O objetivo é escrever um livro refletindo sobre onde a lei desaguou após a sua aprovação.

Nova fonte de pesquisa

Equipe organiza acervo cedido pela Editora Abril, inicialmente com material sobre intelectuais

Oscar D'Ambrosio

Já está disponível o material da primeira letra do alfabeto do catálogo de "Personalidades: Os Intelectuais" da coleção *Clipping da Editora Abril*. Trata-se da primeira etapa de um projeto da equipe do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap) da **Unesp** em Assis, sob orientação da professora Tania Regina de Luca.

A jornada começou no final de 2011, quando o Cedap recebeu, sob a forma de doação, o acervo intitulado *Clipping da Editora Abril*, composto por 800 caixas, contendo recortes de jornais e revistas do País e do exterior. A coleção é originalmente ordenada nas rubricas Empresas, Personalidades e Assuntos, com pastas de recortes, arquivados de meados da década de 1950 até o final dos anos 1990.

O *Clipping*, sob a supervisão do Departamento de Documentação da Editora Abril (Dedoc), formava um arquivo para subsidiar os periódicos do grupo. O material provém, sobretudo, dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Correio Brasileiro*, *Jornal do Brasil*, *Le Monde*, *L'Express* e *La Repubblica*.



Acima, grupo de higienização e, ao lado, pastas com o material já armazenado: trabalho ainda está no começo



Fotos divulgação

De início, o acervo foi higienizado, organizado internamente e disponibilizado para consulta, mas não contava ainda com catálogos e inventários. Em abril de 2014, iniciou-se projeto com esse objetivo, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da **Unesp** e participação de alunos bolsistas e voluntários do curso de História.

O projeto começou pelo módulo Personalidades, que reúne indivíduos das mais diferentes áreas. Na primeira fase, foram analisa-

dos nomes do mundo da cultura, respeitando-se a ordem alfabética dos sobrenomes, o que permite, para cada letra, compor quadros-resumo em termos de gênero e campo de atuação. Assim, para a primeira letra do alfabeto, há 209 pastas, mas 206 indivíduos, tendo em vista a repetição de entradas. Desse conjunto foram selecionados 136, ou seja, 66% do total, sendo 115 homens e 21 mulheres.

Para a catalogação, disponibilizada na página do Cedap, foram elaboradas duas fichas:

uma relativa ao conteúdo de cada pasta e outra que identifica seu titular. Na primeira, são descritos os documentos de cada pasta, especificando-se título da matéria, autor, fonte e data. Na outra, há informações básicas sobre o indivíduo, descrição e breve análise do conteúdo, além de palavras-chave, temáticas abordadas nos recortes, sua quantidade e datas-limite.

A iniciativa do Cedap, que deverá ser ampliada para as outras letras do alfabeto e para as rubricas Empresas e Assuntos do

acervo, permite acesso para pesquisadores de Ciências Humanas. "O desafio é a produção de instrumentos de pesquisa que permitam descrevê-lo de forma sistemática", conclui Tânia.

O *Clipping da Editora Abril* está disponível para consulta na página do Cedap, no endereço: <http://goo.gl/uUGRBb>.

Unesp avança em ranking de acervos de dados

Universidade passou da 432ª para a 190ª posição em classificação mundial de repositórios

Com menos de dois anos de funcionamento, o Repositório Institucional Unesp vem ampliando sua projeção internacional. No Ranking Web of World Repositories, o acervo de dados da Universidade passou da 432ª para a 190ª posição, entre janeiro e julho, numa classificação que envolve instituições de todo o mundo. Em nível nacional, subiu do 8º para o 7º lugar, no mesmo período.

O Ranking Web of World Repositories leva em consideração a presença e o impacto (a visibilidade dos links) do conteúdo do repositório na rede mundial, além dos dados obtidos a partir das principais ferramentas de busca. Essa classificação é uma iniciativa do Cybermetrics Lab, um grupo



REPOSITÓRIO
INSTITUCIONAL
UNESP

Reprodução

Acervo: 86 mil registros da produção científica da Universidade

de pesquisa do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), da Espanha. O mesmo grupo é responsável pelo Ranking Web of Universities, pelo Ranking Web of Hospitals e pelo Ranking Web of Research Centers.

Lançado em outubro de 2013,

o Repositório Institucional Unesp tem como objetivo armazenar, preservar, disseminar e possibilitar o acesso aberto, como bem público global, à produção científica, acadêmica, artística, técnica e administrativa da Universidade.

O Repositório conta hoje com

cerca de 86 mil registros da produção científica da **Unesp**, incluindo os artigos publicados por pesquisadores da Universidade no período de 1976 a 2012 e indexados nas bases de dados internacionais Web of Science, Scopus e SciELO. Recentemente, iniciou-se a coleta de registros a partir do Currículo Lattes dos docentes da Universidade. Com a inclusão desses dados, o acervo passa a divulgar e a prover maior acesso à produção da **Unesp**, favorecendo o reconhecimento das atividades de pesquisa desenvolvidas pelos seus docentes e pesquisadores.

Em maio, o Repositório foi atualizado para uma nova versão e sua interface possui um design responsivo, isto é, adaptável a

qualquer dispositivo, permitindo que o usuário acesse o acervo a partir de celulares, tablets, computadores e outros recursos. Para atender aos recursos de acessibilidade, foram implementadas as orientações propostas pela W3C, principal organização de padronização da Web.

O Repositório Institucional Unesp está disponível em: <http://repositorio.unesp.br>.

O Ranking of Web Repositories pode ser acessado em: <http://repositories.webometrics.info>.

Coleção supera 10,5 milhões de downloads

Progp Digital lança 33 obras em agosto e chega a mais de 400 títulos gratuitos em quatro anos

Desde agosto, mais 33 títulos da Coleção Progp Digital estão disponíveis para os leitores. Patrocinados pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação (Progp) da Unesp e produzidos pela Editora Unesp, os livros integram o selo Cultura Acadêmica. Além do tradicional formato PDF, as obras são disponibilizadas também no formato ePub.

Os livros digitais podem ser baixados gratuitamente nos sites da Editora, Repositório da Unesp, Scielo Books, Amazon, Google Play e Kobo. Do início da coleção, em 2010, até julho deste ano, houve 10.500.000 downloads dos mais de 400 títulos publicados.

O lançamento dos novos títulos aconteceu no dia 4 de agosto, na sala do Conselho Universitário da Reitoria da Unesp, em São Paulo. Estiveram presentes o pró-reitor de Pós-Graduação, Eduardo Kokubun, e o diretor-presidente da Editora Unesp, Jézio Hernani Bomfim Gutierre, além dos representantes dos programas de pós-graduação de todas as unidades da Universidade. O



Daniel Patire

Kokubun e Jézio durante o lançamento: difusão de títulos de Ciências Humanas e Sociais

evento foi transmitido ao vivo.

Kokubun assinalou que a Coleção Progp Digital surgiu para dar escoamento aos livros produzidos na área de Ciências

Humanas e Sociais, quando ainda havia preconceito em relação aos livros digitais. “Nosso desafio é aperfeiçoar ainda mais o sistema, com rigor na seleção das

obras, garantia de sua difusão e utilização de mecanismos cada vez mais interativos”, disse.

Jézio apontou que a Editora, nesse projeto, cumpre sua

função institucional. “Dentro da revolução da produção acadêmica que está em curso, a Unesp promove sua revolução da comunicação científica. O lado acadêmico é garantido pela avaliação dos pares. O da comunicação está ligado aos veículos de disseminação, papel que a Editora Unesp, como editora universitária, realiza”, disse.

Resultado de pesquisas na área das Ciências Humanas produzidas por docentes, mestres e doutores ligados à Unesp, os livros contribuem de forma expressiva para a democratização do conhecimento produzido na Universidade.

Para conhecer todos os títulos e os autores que integram a coleção, acesse: <http://bit.ly/ipKHx8>.

Saiba como fazer o download gratuito dos livros em: <https://goo.gl/NVjlgm>.

Memória de um padre militante

Obra traz escritos de ex-capelão da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu que foi preso e torturado no período do regime militar

Oscar D'Ambrosio

José Eduardo Augusti foi um padre que se opôs à ditadura militar instalada no Brasil entre 1964 e 1985. Por suas atividades, foi submetido a prisões e torturas. No dia 1º de agosto, um encontro no Memorial da Resistência, na capital paulista, destacou a figura desse religioso.

O evento integrou o projeto Sábados Resistentes, que também promoveu o lançamento do livro *A Igreja no Cárcere* (Livraria Loyola). A publicação traz o diário que o sacerdote redigiu quando esteve preso no Departamento Estadual de Ordem Política e Social – Deops/SP, além de escritos feitos no Presídio Tiradentes. A obra apresenta, ainda, crônicas, artigos e cartas dele a Dom Agnelo Rossi e a Dom Paulo Evaristo Arns, que foram cardeais de São Paulo naquele período.



Augusti na Operação Andarilho, protesto promovido em 1967

PERSEGUIÇÕES

O padre Augusti foi preso em julho de 1968, quando era capelão da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas em Botucatu (hoje Faculdade de Medicina da Unesp), por apoiar uma greve dos estudantes e professores por melhores condições de ensino. Em agosto daquele ano, foi libertado por

meio de um habeas corpus.

Por sua militância contra o regime, foi indiciado pela Lei de Segurança Nacional e, em junho de 1969, condenado a um ano de prisão. Em outubro, foi preso e permaneceu no Deops, onde relatou ter sido torturado. Em 1970, foi transferido para o Presídio Tiradentes. “Nessas experiências na prisão, o padre compartilhou experiências de solidariedade e fé junto com padres dominicanos e outros presos, tanto políticos como comuns”, declarou a sua irmã, Maria Teresa Augusti, durante o evento.

José Gregori, ex-ministro da Justiça, lembrou que teve seu primeiro contato com o padre em Lins (SP). “Ele exerceu uma importante liderança na formação humana, cultural e religiosa daqueles que o conheceram”, disse.

Organizador do livro, Attilio Brunacci foi colega do sacerdote no

Seminário Central do Ipiranga, em 1956. Segundo Brunacci, naquele período, os seminaristas eram preparados para uma nova capital paulista, marcada pela indústria automobilística e pelos migrantes. “Precisávamos sair da sacristia e atuar no campo social”, afirmou.

Francisco Aparecido Cordão, conselheiro do Conselho Nacional de Educação, recordou a ordenação do Padre, em 1962, e suas primeiras ações sacerdotais em Avaré (SP). Narrou a primeira prisão dele, em 1968, devido às ações na Pastoral da Juventude, em Botucatu, sua libertação e perseguições pela atividade junto a estudantes e trabalhadores rurais que o levaram a ir para Lins, onde ficou na clandestinidade.

Em outubro de 1969, o padre foi preso em uma cilada. “No Presídio Tiradentes, onde cumpriu pena, ficou até outubro de 1970. Deveria ter sido liberto antes, mas

foi objeto de novo processo que lhe atribuiu liderança subversiva de organização de ações de estudantes”, contou Cordão.

Após ser libertado, o padre passou a atuar em Guaimbê (SP), onde desenvolveu uma atuação pastoral e social. Faleceu nessa cidade, em 1997. Em 8 de dezembro de 2012, a Caravana da Anistia, do Ministério da Justiça, julgou e concedeu anistia política ao religioso, que foi considerado vítima da repressão política ocorrida no País.

SÁBADOS RESISTENTES

Os Sábados Resistentes, promovidos pelo Memorial da Resistência de São Paulo e pelo Núcleo de Preservação da Memória Política, são um espaço de discussão de pesquisadores, estudantes e interessados sobre as lutas contra a repressão, em especial a resistência ao regime militar.

Propostas para a metrópole

Workshop debate ideias como novas propostas de ensino, divulgação da ciência e criação de agência de apoio à pesquisa na cidade de São Paulo

Oscar D'Ambrosio

“**C**onquistas e desafios da ciência no Brasil” foi o tema da décima edição do Workshop de Educação e Pesquisa do Estado de São Paulo, que ocorreu no dia 3 de agosto, no Plenário da Câmara Municipal de São Paulo. O evento foi uma realização do Instituto para a Valorização da Educação e da Pesquisa no Estado de São Paulo (Ivepesp), cujo vice-presidente de Ensino e Pesquisa é o reitor da **Unesp**, Julio Cezar Durigan, e da Sociedade Amigos da Cidade (SAC).

O evento foi coordenado por J.B. Oliveira, da SAC, e teve como primeiro palestrante Antonio Carlos Hernandez, pró-reitor de Graduação da Universidade de São Paulo (USP). Hernandez ressaltou a importância da criação de um novo ambiente para o ensino de graduação da universidade. Nesse sentido, ele enfatizou a necessidade de políticas desburocratizadoras e reformulações de procedimentos e currículos.

Para o pró-reitor, a baixa interação entre professor e aluno é um problema, assim como o excesso de aulas expositivas, a existência de docentes jovens com pouca experiência pedagógica e a dicotomia entre “professores analógicos” e “estudantes digitais”. Hernandez indicou ainda a convivência com salas de aula inadequadas para ações em grupo como outra questão a ser trabalhada.

Hernandez assinalou que a USP, ao conceder maior autonomia às suas unidades para decisões na área de ensino, conseguiu reduzir o tempo de aprovação de projetos de 18 para 3 meses. Essa medida estaria aliada a um Programa de Valorização do Docente na Graduação e à criação de Centros de Aperfeiçoamento Docente, além de um Programa Permanente de Acompanhamento de Egressos e de ações para aproximar o jovem estudante do esporte. “Também vamos criar o Prêmio Professores Notáveis de Graduação e uma revista on-line de graduação”, disse. “Além disso, parte de nossos cursos vai adotar o SISU/ENEM em 2016.”



Oliva propôs fundação paulistana de fomento à pesquisa



É preciso apoiar divulgação científica, ressaltou Dias



Relação entre professor e aluno foi o tema de Hernandez



Saldiva analisou problemas de saúde numa grande cidade

FUNDAÇÃO PAULISTANA

Glaucius Oliva, do Instituto de Física de São Carlos da USP, propôs a criação da Fundação de Amparo à Pesquisa da Cidade de São Paulo (Fapecisp), que seria uma agência de fomento municipal para identificar demandas e incentivar projetos que enfocassem problemas concretos da cidade. “O município forma anualmente 104 mil alunos de graduação e 24 mil de pós, entre mestres e doutores. Quantos deles estudam questões ligadas à cidade?”, questionou.

O pesquisador formulou a proposta após apresentar dados sobre a ciência brasileira, que

tem hoje 35.500 grupos de pesquisa e participa com 3% do conhecimento mundial publicado em revistas científicas, mas estacionou em 7 mil patentes anuais nos últimos 20 anos e vê as empresas gerarem menos inovação do que as universidades, numa situação inversa à dos EUA, por exemplo.

Oliva destacou ainda bons exemplos brasileiros, como a Petrobras, a Embraer e a Embrapa, que só se tornaram realidade pela associação entre conhecimento universitário e tecnologia. “Nos três casos, formar recursos humanos especializados, focar a inovação e gerar

ampla produção científica foram essenciais”, disse.

Paulo Saldiva, da Faculdade de Medicina da USP, destacou o fascínio que sente pela cidade de São Paulo, mas ressaltou que o avanço tecnológico convive com as mais variadas doenças. A obesidade, o sedentarismo e a depressão foram apontados como questões que demandam uma forte ação da ciência.

De acordo com o especialista, uma alimentação com altos índices de açúcar, sódio e gordura, associada a dificuldades de mobilidade urbana e a níveis elevados de poluição, leva a altos índices de infarto e a um quadro

de ansiedade generalizada. “Se a cidade de São Paulo tivesse a mesma poluição de Curitiba, os paulistanos ganhariam 3,5 anos de vida”, comentou.

Saldiva apontou que São Paulo, pelas suas características metropolitanas, é um laboratório para pesquisas em setores como violência, tráfego e saúde. “Após a criação de vacinas e antibióticos, fica cada vez mais evidente que cabe ao ser humano decidir o que come, bebe e inala e o modo como organiza a vida de uma maneira mais sedentária ou mais voltada para a saúde”, concluiu. “Temos que nos voltar para a construção de uma Fundação Protetora do Ser Humano”, ironizou.

DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA

Presidente do Ivepesp, Helio Dias, do Instituto de Física da USP, lembrou que a cidade de São Paulo deveria ter mais espaços para divulgar a ciência. Ele propôs a criação de Centros de Divulgação Científica e, principalmente, defendeu atividades de ensino baseadas na resolução de problemas, que geram nos alunos taxas de retenção de conteúdos de 75%, contra 5% das aulas expositivas tradicionais.

Dias citou ainda experiências realizadas na Universidade de Michigan na formulação de plataformas educacionais interativas e e-books, em que o leitor se torna um ator participante. Para ele, a introdução nos cursos superiores de disciplinas de Física, Matemática e Computação deveria ocorrer de acordo com a necessidade, para ajudar a solucionar problemas concretos.

O trabalho em equipe, colaborativo, foi enfatizado, assim como a utilização de recursos interdisciplinares e tecnologias interativas. “Programas individualizados de exercícios a serem feitos em casa, por exemplo, desafiam o estudante de modo que ele aprenda fazendo, compartilhando a experiência com os colegas”, concluiu. “Um evento como este que estamos fazendo, na casa do povo, que é a Câmara dos Vereadores, é um passo para uma conscientização maior nessa direção.”

Fotos Renato Coelho

Monumento revitalizado

Convênio visa capacitar profissionais para melhoria do Parque Geológico do Varvito de Itu

Monumento Geológico do Estado de São Paulo, o Parque Geológico do Varvito de Itu completou 20 anos no dia 23 de julho. A comemoração pela data envolveu a assinatura de um convênio entre a Prefeitura de Itu e o Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), da **Unesp** em Rio Claro. A cerimônia reuniu autoridades e cidadãos ituanos, professores e estudantes de **Unesp**, USP, Unicamp e Unifesp, representantes da Sociedade Brasileira de Geologia e Serviço Geológico do Brasil – CPRM.

O objetivo do convênio é garantir a constante revitalização do parque, com a capacitação de agentes e guias turísticos locais e professores da rede municipal de Itu. Como resultado dessa proposta, o Grupo Programa Educação Tutorial (PET) – Geologia do IGCE já capacitou um grupo de docentes da cidade e

colaborou na reedição da revista *Parque Geológico do Varvito*, distribuída no evento.

“O convênio prevê que, nos próximos cinco anos, os docentes e estudantes envolvidos apresentem projetos para a melhoria do parque referentes aos aspectos de sua manutenção, revitalização visual e treinamento de pessoas, para que o parque possa atingir de maneira plena e eficiente seus objetivos”, informa José Alexandre Perinotto, vice-diretor do IGCE e colaborador do Grupo PET/Geologia – IGCE.

SOBRE O VARVITO

O varvito é uma rocha sedimentar caracterizada pela alternância rítmica de dois tipos de sedimentos: argilito cinza-escuro/preto e siltito ou arenito muito fino cinza-claro. A origem do varvito de Itu remonta a aproximadamente 280 milhões



Equipe da **Unesp** no parque: proposta prevê apoio à manutenção do local e treinamento de pessoas

de anos, quando o sul/sudeste do Brasil estava sob geleiras.

Inaugurado em 23 de julho de 1995, o parque ocupa uma área de 44.346 m², recebendo cerca de 6 mil visitantes por mês.

Sites referentes ao tema:

<<http://goo.gl/hzi1ny>>
<<http://goo.gl/bgC9dP>>
<<http://goo.gl/D9su95>>

PDF da revista *Parque Geológico do Varvito*:
<<http://goo.gl/I4NzP1>>

Colaboração pelo ambiente

Unesp e Cetesb firmam protocolo para cooperação em gestão ambiental e resíduos sólidos

A **Unesp** e a Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb), assinaram, no dia 16 de julho, um protocolo de intenções destinado ao desenvolvimento de atividades nas áreas de gestão ambiental e de resíduos sólidos. A iniciativa busca articular a extensão, o ensino e a pesquisa para a formulação e aplicação de políticas públicas ambientais, gestão ambiental, inovação tecnológica, qualidade ambiental e proteção da saúde pública no Estado.

“Colocamos a Universidade à disposição para viabilizar essa e outras parcerias que tenham como objetivo solucionar problemas grandes e importantes da realidade nacional”, disse o reitor da Unesp, Julio Cezar Durigan, na cerimônia. “Questões como gestão ambiental e resíduos sólidos são essenciais”, afirmou Nelson Roberto Bugalho, vice-presidente da Cetesb.

As atividades serão desenvolvidas pela Unesp, sob a coordenação do professor Silvio Rainho Teixeira, da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Câmpus de



Durigan e Bugalho: diálogo entre Universidade e órgão público

Presidente Prudente, e pela Cetesb, sob coordenação de Flávio de Miranda Ribeiro.

Com vigência de um ano, o protocolo situa-se nos esforços da Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex) da **Unesp** para construção e fortalecimento de canais de comunicação entre a Universidade e órgãos públicos estaduais, visando a formulação e implementação de políticas para qualidade ambiental, saúde pública e qualidade de

vida da população.

“O foco da Proex tem sido contribuir com os órgãos gestores estaduais e com as prefeituras municipais para o desenvolvimento de estudos e ações voltados ao planejamento e gerenciamento de resíduos sólidos urbanos, à organização de catadores de materiais recicláveis, à promoção de atividades de capacitação para gestores municipais, catadores e educadores e de atividades de educação

ambiental, especialmente nos municípios abrangidos no acordo MPF/MPSP/CESP, localizados no oeste paulista, notadamente na região administrativa de Presidente Prudente”, afirmou a pró-reitora Mariângela Fujita.

“Nossa expectativa é, no próximo ano, estabelecer um convênio sobre a temática ambiental, a partir da formulação de planos de trabalhos aplicados, por exemplo, em gestão ambiental, resíduos sólidos, políticas públicas e tecnologias ambientais, desenvolvidos nesse primeiro ano de vigência do protocolo de intenções”, apontou a pró-reitora.

Em decorrência dessa parceria, serão construídos, no Câmpus de Presidente Prudente, o Laboratório de Caracterização e Gestão de Resíduos, sob a coordenação do professor Teixeira, e a Central de Pesquisa e Extensão em Tecnologias Sustentáveis, coordenada pelo professor Fernando Sérgio Okimoto.

A Proex também incentivou a FCT a instalar o primeiro Centro Local de Apoio à Extensão (CLAE),

que reunirá docentes, alunos e funcionários para estabelecer parcerias com órgãos públicos, empresas e entidades voltadas para o desenvolvimento regional.

“Como parte das atividades iniciais do CLAE, já foi realizado o Workshop Extensão Universitária, Inovação Tecnológica e Desenvolvimento Regional, tendo como público-alvo as lideranças regionais, empresários, gestores públicos e demais interessados nas temáticas, objetivando identificar os principais desafios regionais, estratégias para seu enfrentamento e o estabelecimento de parcerias institucionais”, comentou o professor Teixeira.

“Inicialmente, as ações estariam voltadas à gestão e ao gerenciamento de resíduos sólidos, em sintonia com o desenvolvimento do Plano Estadual de Resíduos Sólidos, igualmente foco de parceria institucional entre a Unesp e a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, com convênio em trâmite nos órgãos colegiados”, apontou Antonio Cezar Leal, assessor da Proex.

Daniel Patire

INSTITUTO PRODÍGIO

Nova unidade de biotecnologia é destaque com estrutura multiusuário e pesquisas em parceria voltadas para temas como doenças tropicais e câncer

Cíntia Leone

Divulgação

Internacionalização, interdisciplinaridade, cooperação com empresas e captação de recursos são as marcas de uma das mais recentes unidades complementares da **Unesp** – o Instituto de Biotecnologia (Ibtec) instalado em Botucatu em dezembro de 2012. A despeito do pouco tempo de funcionamento, o instituto já tem seis grupos de pesquisa em nível de excelência e vem atraindo de modo crescente a atenção de cientistas de dentro e de fora da Universidade e também do exterior, além de empresários e gestores públicos.

O Ibtec pode ser usado por pesquisadores de todos os câmpus da **Unesp** e por estudiosos de outras instituições por meio da submissão de propostas. Os cientistas estabelecem cooperação como “laboratório associado” (que utiliza as dependências para etapas específicas da pesquisa) ou como “laboratório residente” (em que o estudioso leva seu projeto para ter pleno desenvolvimento na unidade). Futuramente, o local também deve prestar serviços a empresas e demais interessados mediante pagamento, conforme informa o diretor do instituto, Celso Marino, professor do Instituto de Biociências da **Unesp** em Botucatu (IBB).

“Unidades complementares como essa devem se autossustentar, seus pesquisadores e docentes devem ser competitivos na captação de recursos em agências de fomento ou na parceria com empresas, e elas precisam ter grande impacto sobre as demais unidades da Universidade”, afirma Maria José Giannini, pró-reitora de Pesquisa da **Unesp** (Prope). Segundo a gestora, a criação desse tipo de estrutura deve evitar a aquisição em duplicidade dos mesmos equipamentos por mais de uma unidade da Universidade.

Segundo Marino, o Ibtec já captou cerca de R\$ 2,8 milhões da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e aproximadamente R\$ 2,7 milhões da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e



Sede do instituto, em Botucatu: local reúne hoje seis grupos em nível de excelência e está aberto a outras colaborações

Tecnológico (CNPq) em diferentes editais. “Temos gerado muito interesse do exterior sem que nós tivéssemos que fazer propaganda – eles nos procuram!”, destaca Marino.

Um exemplo de facilidades tecnológicas que o Ibtec já oferece é uma plataforma de mutagenese CRISPR-Cas9, um conjunto de microscópios e nanoinjetores, adquirida com recursos da Fapesp. Com esse instrumento é possível desligar um gene por meio de uma ferramenta de edição de genomas (um recurso para manipulação genética desse material). Os biólogos Jayme Augusto de Souza Neto, professor do IBB, e o francês Julien Pelletier, da Universidade de Keele, na Inglaterra, são os responsáveis por implementar essa plataforma – a única desse tipo no Brasil –, que eles estão utilizando para gerar mosquitos mutantes. “A vantagem dessa tecnologia é que a mutação provocada no mosquito é passada de geração em geração, criando linhagens estáveis desse inseto modificado”, diz Souza Neto.

Ainda sem equipe própria de cientistas, o Ibtec abrirá cinco oportunidades para pesquisa-

dores nos próximos anos. “Com as condições de trabalho que oferecemos aqui, o preenchimento dessas vagas deve ser bastante disputado”, afirma Marino.

DOENÇAS TROPICAIS

As doenças tropicais, especificamente dengue e malária, são um dos temas mais destacados de pesquisas do instituto, que mantém dois grandes grupos sobre o assunto que têm atraído a atenção de especialistas do exterior. Um dos times é liderado por Paulo Eduardo Martins Ribolla, do IBB. Ele estuda o mosquito *Anopheles darlingi*, principal responsável pela transmissão da malária, uma doença ainda sem cura e sem vacina e muito prevalente em áreas significativas da América Latina, da África e da Ásia. Seu projeto analisa a genética da população de mosquitos que transmitem a malária, com parceria de estudiosos dos EUA.

A região escolhida em sua pesquisa foi o Vale do Rio Juá, no Acre, onde um terço dos casos são de malária falcípara, uma das formas mais graves da doença e que pode deixar sequelas ou levar à morte. No resto do Brasil, a forma benigna da doença é a

mais comum. “Uma de nossas perguntas é: o que há de diferente naquela região que faz com que existam tantos casos malignos?”, acentua Ribolla.

Outro dado dessa área que contraria as estatísticas da doença no restante do Brasil diz respeito à forma de transmissão – em geral, a moléstia é contraída em regiões de mata, mas ali ela se dá principalmente no meio urbano. “Uma hipótese que estamos investigando é a presença de diversos tanques de piscicultura espalhados pela cidade, onde já detectamos criadouros do mosquito.”

Em um segundo projeto, o professor trabalha com a dengue. Um fato pouco divulgado é que a doença é transmitida não apenas pelo mosquito *Aedes aegypti*, o mais comum no país, mas também pelo *Aedes albopictus*, conhecido como tigre asiático por ser prevalente naquele continente, mas também muito presente nas áreas rurais e silvestres do Brasil.

“Estudamos a interação ecológica entre as duas espécies. Por exemplo, o macho *albopictus* esteriliza a fêmea *aegypti*, um fato que podemos explorar

para criar estratégias de controle populacional dos mosquitos”, explica Ribolla. “No Ibtec, nós já conseguimos fazer as colônias dos dois mosquitos e agora estamos analisando a interação molecular entre elas, isto é, o que um mosquito induz no outro em termos de expressão gênica.” Participa dessa etapa o cientista suíço Frederic Tripet, da Universidade de Keele, que tem experiência em projetos de liberação de machos estéreis na natureza.

Existem mosquitos *Aedes aegypti* que não se contaminam com o vírus da dengue quando entram em contato com ele. Algumas pessoas são picadas pelo inseto infectado, mas não contraem a doença. Há inclusive cidades inteiras há mais de 10 anos sem nenhum caso autóctone de dengue (quando a doença é contraída no próprio local), mesmo estando em regiões com alto índice da epidemia. Fatos como esses têm intrigado Souza Neto.

O grupo liderado por Ribolla está realizando experimentos, por exemplo, para entender como funciona a microbiota – o conjunto de microrganismos – do intestino do mosquito e seu sistema imunológico, dois

componentes que influenciam na transmissão do vírus. Segundo o pesquisador, isso pode explicar por que em algumas localidades, por exemplo, 80% dos mosquitos se contaminam e em outras, apenas 20%. “Se conseguirmos determinar o que esses animais têm de diferente, poderemos criar em laboratório um inseto transgênico não transmissor e assim desenvolver uma estratégia de controle da doença”, explica.

Pelletier é parceiro do projeto e estuda por que algumas pessoas atraem o mosquito e outras não. Juntamente com Souza Neto, ele analisa receptores no mosquito que fazem com que o animal distinga o cheiro de cada pessoa e também tenta identificar compostos presentes na pele humana que podem repelir o animal. “Isso ajudará a criar uma outra estratégia de combate à dengue, que seria a adoção de repelentes específicos”, explica.

No caso da malária, Souza Neto enfrentou o desafio de reproduzir em laboratório uma colônia do mosquito *Anopheles darlingi*. Ele usa uma técnica desenvolvida por Joseph Vinetz, pesquisador da Universidade da Califórnia em San Diego, estudioso da malária no Peru e atualmente colaborador do grupo no Ibtec. Vinetz descobriu que o mosquito se reproduz sob uma luz pulsante que imita a filtragem da luz do sol realizada pela copa das árvores na floresta.

“Antes, os pesquisadores tinham que ir até a Amazônia recolher os exemplares, o que inviabilizava uma série de testes com essa espécie, que é a principal no Brasil”, explica. Agora é preciso aprender a trabalhar em laboratório com o parasita que contamina o mosquito. Atualmente, o Ibtec conta com um banco de protozoários congelados. “Queremos saber se esses patógenos continuam capazes de infectar após o descongelamento”, explica. “Em caso negativo, teremos que aprender a cultivar o parasita em laboratório.” Essa etapa do projeto tem financiamento da Fapesp, com a colaboração do Imperial College London, da Inglaterra.

INOVAÇÃO

O Instituto hoje conta com outros quatro “laboratórios residentes”. O médico veterinário João Pessoa de Araújo Júnior, professor do IBB, coordena um deles, para aperfeiçoar uma ferramenta de diagnóstico da cinomose, doença altamente contagiosa que atinge em especial cães e furões.

“Nós criamos uma tecnologia de nanopartículas que propicia um resultado rápido e visual com uma alteração de cor para a amostra positiva”, explica. O estudo teve grande repercussão



Grupo de estudiosos da Inglaterra visita as instalações do Ibtec: unidade desperta interesse de especialistas do exterior

e foi capa de uma edição de 2014 da prestigiada revista *Analytical Methods*. “Hoje usamos toda a estrutura do Ibtec para melhorar essa técnica, para que ela possa ser usada para a obtenção de um diagnóstico rápido de dengue.”

Marino, o diretor do Ibtec, lidera um grupo de tecnologia de espécies florestais com forte parceria de empresas. “Com a biologia molecular nós estamos conseguindo analisar mudas e prever como será essa planta na fase adulta, o que permite avanços significativos para o melhoramento genético de espécies de interesse econômico.”

Um de seus projetos gerou uma patente de propriedade da **Unesp** e da Suzano, companhia brasileira de papel e celulose, que foi negociada com o auxílio da Agência Unesp de Inovação (AUIN). “A Universidade é

detentora do conhecimento e a empresa colabora com financiamento e fornecimento de material biológico, porque o resultado vai ajudar a resolver problemas da cadeia produtiva dessas mesmas companhias”, detalha Marino.

Em agosto, a unidade realizou um workshop de melhoramento florestal com a presença de empresários e pesquisadores do Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais (IPEF), buscando a criação de grupos de trabalho e novas parcerias. “Raramente se consegue uma estrutura como a do Ibtec em nosso País; então, aumentar a sinergia entre as empresas e essa unidade vai gerar pesquisas de altíssimo nível”, aposta Paulo Henrique Müller da Silva, representante do IPEF.

CÂNCER

O vírus Epstein-Barr, um dos causadores da herpes, está

presente no organismo da maioria dos seres humanos adultos. Embora não gere doenças em grande parte das pessoas, ele pode levar ao desenvolvimento de alguns tipos de câncer. O biomédico Deilson Elgui de Oliveira, da Faculdade de Medicina (FMB) da **Unesp** de Botucatu, estuda essa interação.

Atualmente ele investiga a atuação desse microrganismo no carcinoma de nasofaringe, uma doença muito letal. “Queremos saber se quando esse câncer é causado pelo vírus ele se torna mais ou menos agressivo”, diz. Sua equipe já conseguiu isolar a proteína LMP-1, que tem o maior potencial de tornar os tecidos malignos, além de ser a responsável pela capacidade do vírus de invadir as células. “A próxima etapa será realizar experimentos em cobaias para

assim pensar em estratégias para diminuir a agressividade desse tipo de câncer e neutralizar seu processo de metástase.”

Câncer também é o tema de estudo da geneticista Silvia Regina Rogatto, professora da Faculdade de Medicina da **Unesp** em Botucatu. Ela coordena um laboratório associado ao Ibtec que busca desenvolver um tratamento “personalizado” para o câncer. Esse tipo de tratamento, também chamado de terapia-alvo, demanda estudos de biologia em nível molecular que dependem da utilização dos equipamentos de alta precisão do Ibtec. Muitos países apostam que inovações dessa natureza podem ser o futuro das drogas antitumorais, porque teriam menos efeitos colaterais do que os quimioterápicos convencionais.

Cíntia Leone

Divulgação



Estudos envolvem experimentos com colônias de mosquitos *Aedes aegypti* (esq.) e melhoramento genético de plantas

A ciência vai ao mercado

Canadenses e brasileiros analisam relação entre universidade e empresa na área biotecnológica

Cynthia Leone

A Faculdade de Medicina (FM) e o Instituto de Biotecnologia (IBTEC) da **Unesp** realizaram, de 27 a 29 de julho, o workshop internacional Inovação e Empreendedorismo em Biotecnologia, na cidade de Botucatu (SP). Organizado pelos professores Patricia Reis (FM e Unipex) e Deilson Elguide Oliveira (FM e IBTEC), o evento contou com um curso ministrado por Cynthia Goh, Richard MacAloney e David McMilen, da Universidade de Toronto (UofT), no Canadá. Os professores lideraram na UofT um centro de inovação e empreendedorismo, o Impact Centre, que oferece treinamento e ensino de estratégias para transformar ciência em produtos ou serviços úteis para a sociedade.

O encontro foi dividido em duas fases: no primeiro dia, foi feito um panorama da inovação em biotecnologia no Brasil; já nos dois dias subsequentes, os convidados internacionais trabalharam com a audiência tópicos de inovação e empreendedorismo, bem como a relação entre o setor empresarial e as universidades no Canadá. O público foi formado por estudantes de graduação e pós-graduação, além de professores de diferentes áreas. As atividades do evento promoveram discussões sobre criação de novos produtos e serviços a partir de pesquisa básica, propriedade intelectual, além das principais dificuldades da interação da academia com a iniciativa privada.

“O encontro aponta para duas tendências da **Unesp**, que é a internacionalização da pesquisa e o incentivo à inovação e ao empreendedorismo”, afirmou a professora Patricia, na abertura do encontro.

INOVAÇÃO UNESPIANA

O funcionamento da Agência Unesp de Inovação (AUIN) foi detalhado pelo professor Sydney José Lima Ribeiro, do Instituto de Química da **Unesp** em Araraquara. Além de deixar claro que a agência é uma parceira estratégica dos pesquisadores no momento de interagir com a indústria, oferecendo, sobretudo, assessoria jurídica especializada, Ribeiro destacou alguns diferenciais da AUIN em relação a suas congêneres no Brasil. “Nós temos um programa de aceleração da inovação nos moldes de projetos



Encontro enfatiza incentivo à inovação, segundo Patricia



Negociação com empresas foi discutida por Cynthia



Para MacAloney, inovações devem construir sociedades melhores



Atividades de agência da **Unesp** foram detalhadas por Ribeiro



Lucilene focou selante de fibrina e soro contra picada de abelha



Angnes discutiu linhas de fomento à pesquisa da Fapesp



Convidados internacionais trabalharam temas como inovação e empreendedorismo com a plateia

implantados nos EUA”, explicou.

Segundo o estudioso, o programa oferece investimento para que a pesquisa contemplada consiga avançar um estágio, como criação de protótipos ou a realização de provas de conceito ou testes clínicos, por exemplo. “No país, esse tipo de edital fornece mais confiança para o investidor que deseja licenciar a patente, porque ele tem mais garantias de que aquela inovação terá o desempenho esperado quando se tornar um produto”, ressaltou.

Lúcio Angnes, coordenador adjunto para Pesquisa em Inovação Tecnológica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), falou sobre o papel de diferentes linhas de fomento à inovação oferecidas pela fundação, como o programa Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (PIPE). “É a nossa única linha de financiamento que não exige titulação [mestrado ou doutorado] do proponente, mas apenas um projeto inovador e com bom fundamento tecnológico”, explicou.

Antônio Vicente da Silva, gerente da Incubadora Tecnológica de Botucatu, a Prospecta, destacou o ambiente da região propício à inovação, com a presença de instituições de ensino e pesquisa como a **Unesp**. Por sua vez, Renato Fonseca de Andrade, gerente de Inovação e Tecnologia do Sebrae-SP, informou que a instituição também adota a estratégia de incubadoras para projetos de alta tecnologia. “Felizmente, muitas universidades passaram a incluir o empreendedorismo no

desenvolvimento de suas pesquisas e também no currículo dos cursos”, comemorou Andrade.

Um dos casos de transferência tecnológica mais emblemáticos da Universidade é protagonizado pelo Centro de Estudos de Animais Peçonhentos da **Unesp** em Botucatu (CEVAP). Lucilene Delazani, pesquisadora do Centro, falou sobre o desenvolvimento de dois produtos biotecnológicos: o selante de fibrina e o soro contra picada de abelha.

VISÃO DE MERCADO

Num clima descontraído e com muita participação da plateia, a professora de Química e Ciência Médica Cynthia Goh discutiu com os participantes o processo de invenção e as estratégias de negociação de propriedade intelectual para start-ups, como são chamadas as companhias recém-criadas e de base tecnológica. Cynthia é responsável pela direção do Impact Centre, voltado a impulsionar empresas originadas por estudantes de nível superior. “O principal gargalo dessa relação é que os pesquisadores não têm o olhar treinado para perceber a qual mercado seus inventos poderiam atender”, explica a pesquisadora, ressaltando que um treinamento específico deve ser oferecido aos estudantes na formação universitária. “Da mesma forma, os empresários nem sempre entendem qual a forma correta de usar o conhecimento produzido nas universidades.”

David McMilen falou sobre o desempenho de start-ups no mercado em expansão de biossensores, dispositivos que empregam algum componente biológico (bactérias, algas e tecido celular, por exemplo) para detectar toxinas ou outros elementos biológicos, como vírus e fungos.

Já o diretor de gerenciamento de tecnologia e empreendedorismo do Impact Centre, Richard MacAloney, destacou o papel que agências de inovação e incubadoras tecnológicas devem ter dentro de uma negociação de transferência tecnológica. “Temos que buscar sempre situações em que todos ganhem: os investidores, os inventores, a universidade e a sociedade”, disse. “As inovações precisam partir da resposta para uma necessidade, precisam ajudar a construir produtos e sociedades melhores.”

Fotos Cynthia Leone

Carne suína mais saudável

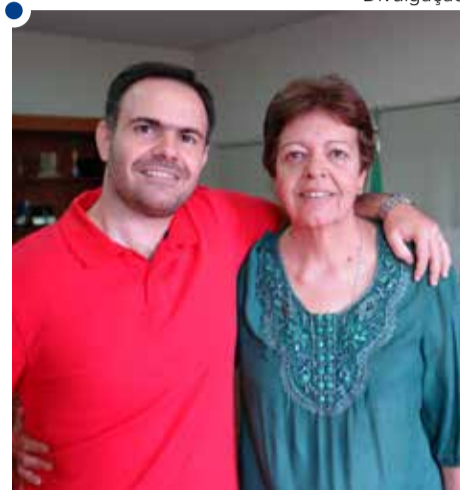
Introdução de farelo de acerola na dieta de animais reduziu gordura e aumentou colesterol bom

O farelo de acerola, que resulta do esmagamento da fruta para se obter o suco, é uma solução eficaz e barata para tornar a carne suína mais “magra” e, portanto, melhor para a saúde de quem a consome. Essa é a conclusão da tese de doutorado recentemente defendida pelo zootecnista Fabricio Rogério Castelini no Câmpus da Unesp de Jaboticabal.

Em seu trabalho, orientado pela professora Maria Cristina Thomaz, docente do Departamento de Zootecnia da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), Castelini promoveu uma restrição alimentar qualitativa nos animais por um período de 60 dias, na chamada fase de terminação, quando eles atingem entre 80 kg e 120 kg. “Nesse período os animais estão grandes,



Shutterstock



Divulgação

Castelini (ao lado da orientadora, Maria Cristina) submeteu animais a restrição alimentar

por isso eles comem mais que o necessário”, argumenta.

O zootecnista enfatiza que o produtor opta por abater os animais com mais peso, para enviar mais carne aos abatedouros. “Porém, fisiologicamente, essa é a fase em que o animal já finalizou

sua deposição de proteína (carne) e tende a acumular gordura”, esclarece. “Por isso, testamos alimentos capazes de minimizar o teor de energia das dietas.”

O farelo de acerola foi incluído em níveis crescentes nas dietas dos animais – 9%, 18% e 27%

–, substituindo o milho e o farelo de soja. Depois que os suínos foram abatidos, Castelini constatou que aqueles que receberam o farelo de acerola apresentaram reduções nos teores dos ácidos graxos saturados, que estão relacionados a mudanças de gene-

rativas nas paredes das artérias – e que, quando consumidos em excesso, podem provocar doenças cardiovasculares.

Segundo o zootecnista, outra consequência positiva foi o aumento nos teores dos ácidos graxos α linolênico (C18:3n3) e linoleico conjugado (CLA), popularmente conhecidos como ômega 3 e 6. Esses ácidos graxos são responsáveis por efeitos como diminuição dos níveis de triglicerídeos (as principais gorduras do organismo) e colesterol ruim (LDL), e aumento do colesterol bom (HDL).

Mais informações podem ser obtidas com o pesquisador, pelo e-mail: <https://goo.gl/BxaWk6>

Opções para cultivo do café

Pesquisa que associa cultura à macadâmia é publicada em revista de prestígio internacional

Por não darem o retorno financeiro que outras culturas agrícolas fornecem, as plantações de café ocupam uma área cada vez menor no Estado de São Paulo. Há dez anos, pesquisadores da Faculdade de Ciências Agrônomicas do Câmpus de Botucatu realizam estudos que visam reverter essa tendência.

O grupo vem promovendo diversos sistemas de cultivo: somente café (cultivo solteiro), somente macadâmia e consórcio entre os dois vegetais – todos eles com ou sem irrigação por gotejamento. Sob a orientação do professor Rogério Peres Soratto, os trabalhos vêm sendo desenvolvidos por Marcos José Perdoná, pesquisador científico da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta), vinculada à Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Polo Regional Centro-Oeste, em Bauru (SP).

Os resultados obtidos nos primeiros anos dessa iniciativa foram matéria de capa da edição de março/abril da revista *Agronomy Journal*, da American Society of Agronomy, uma das publicações mais renomadas do



Divulgação

Pés de macadâmia foram plantados ao lado de cafeeiros (*fundo*)

mundo no setor agrônomico.

Os estudos mostraram que, em condições de sequeiro, ou seja, sem irrigação, o consórcio com a macadâmia aumentou em 10% a produtividade de grãos do café, em relação ao cultivo solteiro. Já o uso da irrigação por gotejamento aumentou em 60% a produtividade de grãos do café, tanto no cultivo solteiro quanto no consorciado.

Ainda segundo o artigo, o crescimento e a produtividade da ma-

cadâmia consorciada com o café aumentaram significativamente pelo uso da irrigação. O texto também assinala que as produções das primeiras cinco safras não foram suficientes para pagar os investimentos no cultivo de café solteiro em condição de sequeiro; porém, tanto a irrigação quanto a consorciação reduziram o período de retorno do investimento.

“O cultivo de café arábica, consorciado com macadâmia, irri-

gado por gotejamento, apresentou o menor período de retorno do investimento e a maior lucratividade (276% superior à do café solteiro irrigado), após as primeiras cinco safras, sendo alternativa interessante para a sustentabilidade da cafeicultura no Estado de São Paulo”, conclui Soratto.

Os dados publicados na *Agronomy Journal*, que abordou com mais ênfase os aspectos fitotécnicos da cultura do café, integram o doutorado defendido por Perdoná em julho de 2013 na FCA. O trabalho envolveu dois experimentos no campo, que incluíram também consorciação de café com diversas cultivares de macadâmia e um estudo econômico detalhado, que teve a colaboração de Maura Esperancini, professora da FCA. “Foram calculados índices de eficiência de uso da área, bem como indicadores de avaliação da viabilidade econômica dos tratamentos considerando três diferentes cenários de preços do café”, comenta Soratto.

Perdoná ressalta que os estudos publicados representam a primeira fase da pesquisa, que foi

voltada para pequenos e médios agricultores e na qual a colheita era manual. “Na fase atual, a colheita mecanizada representará 100% das operações”, enfatiza. O pesquisador explica que a macadâmia foi escolhida por apresentar maior rentabilidade que outras culturas. “Além disso, oferece pouca concorrência com o café na disputa por nutrientes e água e, ainda, seu período de colheita não coincide com o do café, o que leva a uma economia de mão de obra”, esclarece.

O artigo pode ser acessado em: <https://goo.gl/NsduFU>.

Contato com Rogério Peres Soratto: soratto@fca.unesp.br.

Contato com Marcos José Perdoná: marcosperдона@apta.sp.gov.br.

Cursos Interanutri têm aula inaugural

Parceria com a Prefeitura de São Paulo envolve duas modalidades: Agente em Segurança Alimentar e Nutricional, e Alimento Seguro

Ocorreu, no dia 17 de agosto, a aula inaugural dos cursos Interanutri, nas modalidades Agente em Segurança Alimentar e Nutricional e Alimento Seguro. Esses cursos são oferecidos pela Prefeitura de São Paulo, em parceria com a Rede Sans/Unesp e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), no Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional da Vila Maria (CRSAN- Vila Maria), em São Paulo. Os cursos serão certificados pela Central de Cursos de Inovação e Extensão da **Unesp**.

No evento, a apresentação dos cursos foi feita por Maria Rita Marques de Oliveira, professora do Instituto de Biociências da **Unesp** de Botucatu e diretora técnica do Programa de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional da União das Nações Sul-Americanas (Unasul). O programa é vinculado à Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social (Secis) do MCTI.



Central de Cursos de Inovação e Extensão Universitária

Cursos para professores e outros profissionais envolvem Internet

O curso Interanutri: Interdisciplinaridade, Alimentação e Nutrição – Educação Nutricional e Segurança Alimentar a Distância visa inserir o ensino a distância no currículo de professores do ensino fundamental e na rotina de agentes comunitários de saúde, nutricionistas e profissionais que atuam com alimentos. Sua proposta é integrar as ações de promoção da alimentação e nutrição, considerando o contexto familiar, comunitário e social.

A responsável pelo curso é a

professora Luiza Cristina Godim Domingues Dias, que tem como colaboradores os docentes Maria Rita Marques de Oliveira, Norka Beatriz Barrueto González, Renata Maria Galvão de Campos Cintra, Flávia Queiroga Aranha de Almeida, Sílvia Justina Papini, Pricila Veiga dos Santos e Thabata Koester Weber.

ALIMENTO SEGURO

No caso da parceria com a Prefeitura de São Paulo, esse curso a distância será oferecido em duas

modalidades: Alimento Seguro e Agente em Segurança Alimentar e Nutricional. Ambas têm a duração de 15 semanas, num total de 60 horas, e exigem o domínio das ferramentas básicas de Internet.

A primeira modalidade é destinada às pessoas que trabalham direta e indiretamente com alimentos nas feiras livres, como os feirantes e fiscais. O objetivo é desenvolver e/ou aprimorar habilidades para boas práticas de manipulação de alimentos, segurança e gestão de comércio de alimentos em feiras livres.

O programa envolve acesso à Internet e tarefas práticas, no local de trabalho. Entre os temas abordados estão segurança alimentar e Direito Humano à Alimentação Adequada; legislação; e armazenamento, seleção e venda dos produtos.

AGENTE

A segunda modalidade tem como objetivo formar agentes de Segurança Alimentar e Nutricio-

nal. O curso se destina a pessoas que desenvolvem trabalhos junto às comunidades, como agentes de saúde, líderes comunitários e estudantes, entre outros.

O curso envolve a discussão de informações técnicas, troca de experiências e exercício da participação social e promoção da alimentação adequada, saudável e solidária em diferentes comunidades.

O programa consiste de tarefas práticas na comunidade e acesso semanal à Internet, além de dois encontros presenciais obrigatórios.

Entre os temas abordados estão promoção da alimentação saudável, adequada e solidária na comunidade; cuidados com o manuseio de alimentos; e consumo consciente e meio ambiente.

Mais informações:

<www.redesans.com.br> ou pelo telefone (11) 3224-6000, ramal 6168.

Uso das Redes Sociais da Unesp

Após aprovação, em julho, pelo Comitê Superior de Comunicação Social e pelo II Fórum de Mídias Sociais, em agosto, a Universidade divulgou o documento *Recomendações de utilização das redes sociais da Unesp*. O texto entende como redes sociais da **Unesp** as manifestações administradas por responsáveis devidamente autorizados por instâncias como Reitoria, Pró-Reitorias, Assessorias, Unidades e Departamentos.

Essas manifestações oficiais, com nome e logomarca **Unesp**, devem servir como canais para que a sociedade conheça melhor a instituição e para fomentar o diálogo transparente e construtivo.

De acordo com o documento, os responsáveis pelas redes sociais da **Unesp** devem seguir as seguintes recomendações:

– É importante avaliar dados, comentários ou informações postados ou liberados, que podem ser vistos dentro e fora da Universidade.

– Deve-se evitar escrever na primeira pessoa e, ao veicular



Documento lista recomendações para utilização adequada de recursos como Tweeter e Facebook

uma informação ou comentário, é preciso fornecer dados ou perspectivas já verificados. Toda rede social da **Unesp** tem um responsável, que pode ser imputado pelas consequências das mensagens.

– As redes sociais não são o espaço adequado para desqualificar pessoas ou instituições ou

apresentar queixas e reclamações, que devem ser canalizadas por meios específicos, como as ouvidorias, por exemplo.

– Não se deve publicar material publicitário ou utilizar as redes sociais da Universidade para proveito pessoal.

– É permitido citar ou reprodu-

zir pequenos fragmentos de textos, livros ou obras em geral, desde que sejam mencionados o autor e a fonte. Aqueles que realizarem alguma colaboração própria (texto, fotografias etc.) devem informar que autorizam a reprodução, desde que citada a fonte.

– A identidade visual utilizada

deve ser a autorizada pela **Unesp** em <http://www.unesp.br/portal#!/aci_ses/normas-e-padroes/identidade-visual-da-unesp/> ou as permitidas pela Unidade ou outra instância da instituição.

Os responsáveis pelas redes sociais da Universidade podem eliminar qualquer colaboração que:

a) Seja ilegal, desrespeitosa, ameaçadora, infundada, caluniosa, imprópria, ética ou socialmente discriminatória ou profissionalmente reprovável ou que, de alguma forma, possa ocasionar danos e prejuízos materiais ou morais à **Unesp**, aos seus empregados e colaboradores ou terceiros;

b) incorpore dados de terceiros sem a devida autorização;

c) contenha material publicitário ou de propaganda, pessoal ou em benefício de terceiros; e

d) não esteja relacionada com a finalidade da rede social em questão.

O documento pode ser acessado em: <<http://goo.gl/V5HfSk>>.

Editora tem novo diretor-presidente

Em cerimônia no dia 7 de julho, o professor Jézio Hernani Bomfim Gutierre foi empossado diretor-presidente da Fundação Editora da Unesp (FEU). O evento teve a presença da vice-reitora da Unesp, Marilza Vieira Cunha Rudge, entre outras autoridades, como pró-reitores e assessores da Reitoria e funcionários da FEU.

Mestre em Filosofia pela University of Cambridge, mestre em Lógica e Filosofia da Ciência e doutor em Filosofia pela Unicamp, Jézio exerceu a função de editor-executivo da Fundação por 15 anos e assume a nova posição com o compromisso de preservar o projeto da editora e manter constante a seleção criteriosa e a difusão da produção científica de qualidade.

Para o dirigente, um grande desafio para as editoras universitárias é divulgar o que há de mais significativo numa produção acadêmica em grande expansão. "Isso impõe a necessidade de arquitetar um sistema adequado de avaliação de publicações", ressalta.

No caso da FEU, Jézio argumenta que é fundamental manter o prestígio conquistado no panorama editorial e universitário, por meio da expansão e do aperfeiçoamento do seu catálogo de obras. "E também pretendemos dobrar as atividades que fazem parte do rol de ações da Editora", complementa.

Com a meta de apoiar uma visão pluralista e difundir o conhecimento para um público amplo, dentro e fora



Divulgação

Jézio: desafio é manter prestígio e expandir catálogo de obras

da universidade, a FEU tem hoje cerca de 1.700 títulos impressos e mais de 400 obras disponibilizadas gratuitamente em formato eletrônico. Sob seu guarda-chuva abriga-se o selo Cultura Acadêmica e três livrarias: física, móvel e virtual, além da Universidade do Livro (UNIL), entidade que oferece cursos para os profissionais da cadeia do livro, e do Instituto Confúcio na Unesp – parceria com o governo chinês, que promove o intercâmbio cultural entre o Brasil e a China. Em seus 27 anos de existência, a Editora Unesp contabiliza 29 prêmios, sendo 21 Jabutis.

Túlio Kawata, editor-executivo da FEU entre 1996 e 1999, reassume o cargo deixado vago pelo diretor-presidente.

Contos nos limites da vida e da literatura

Reitor da Unesp entre 1997 e 2000, Antonio Manoel dos Santos Silva lançou, em junho, o livro de contos *A quarta palavra* (Editora Vitrine Literária, R\$ 30). Trata-se, como explica o autor, de um conjunto de textos que exploram temas como a solidão, o isolamento social e o enfrentamento e superação das limitações impostas pela existência.

Os quatro primeiros relatos abordam, de maneira ficcional, figuras reais da literatura: Florbela Espanca, Sylvia Plath, Ana Cristina César, Alfonsina Storni e Jacqueline Roque, a última mulher do pintor Pablo Picasso. Em comum, entre elas, o fato de terem cometido suicídio. "Sempre me chamou a atenção o fato de serem numerosos os casos de escritores que deram cabo da própria vida", diz Santos Silva.

Na segunda metade, o livro enfeixa outras quatro narrativas em que os personagens se rebelam contra situações adversas. Em "A grande via", por exemplo, com inesperado senso de humor, o escritor reúne a população de um vilarejo que há muito não vê chuva para uma estrondosa via ao nascer do sol.

Autor de 12 livros em coauto-



Paulo Velloso

Santos Silva aponta influência de Borges, Calvino e Cervantes

ria e dois em autoria (um de contos e um de poemas), Santos Silva reconhece, em *A quarta palavra*, influências as mais diversas, como os escritores Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Ítalo Calvino, Miguel de Cervantes e Góngora, além do cineasta Orson Welles. "Este último 'aparece' cifrado, num discurso sobre a Catedral de Reims, em Paris, a propósito de um tema que sempre me foi caro: a desimportância da autoria em uma obra de arte", diz.

O livro pode ser adquirido na própria editora: contato@vitrineliteraria.com.br.

SEMPRE UNESP

Vozes e vidas afinadas

Como outras irmãs gêmeas, Leticia e Paula De Nicola são bastante parecidas fisicamente. Mas as semelhanças vão muito além da aparência.

Filhas de pai que atuava como advogado, mas também gostava de tocar clarinete, ambas se dividem hoje entre as atividades no mundo jurídico e na música. Há dez anos, elas trabalham no Fórum de Franca – Leticia, no 3º Ofício Criminal, e Paula, na 1ª Vara da Família. Também cantoras, as duas integram o Ensemble Vocal da Orquestra Sinfônica de Franca, além de se apresentarem em casamentos e outros eventos.

A mais recente performance

do Ensemble Vocal com a orquestra aconteceu em 9 de agosto, no Teatro José Cyrino Goulart, em Franca. O espetáculo, *Nas ondas do rádio*, teve a participação de radialistas da cidade e um repertório que foi dos sertanejos Chitãozinho e Xororó à cantora inglesa Adele. "Fizemos duas sessões lotadas", diz Leticia. "O público francano sempre nos prestigia", complementa Paula.

As irmãs nasceram em São Paulo, mas depois de terminar o ensino médio se mudaram para Franca – onde vivia a família de sua mãe –, a fim de estudar Direito na Unesp. Paula ingressou no curso em 1996 e Leticia, no ano



Divulgação

Paula (esq.) e Leticia durante espetáculo

seguinte. "Foi um caso de amor ao direito, à cidade e à família", comenta Leticia.

Ela enfatiza que o curso garan-

tiu uma formação humanista e abrangente. "A Unesp não se limita a formar técnicos que dominam o conhecimento das leis, mas prepara pessoas pensantes, analíticas", acrescenta.

Paula ressalta que foi na Universidade que também iniciou seu percurso de cantora. "Em 1997, nós duas ingressamos no Coral Unesp, onde começamos a levar a música mais a sério", explica.

Na época, o coral era regido por Enrico Nery, que também havia criado seu próprio grupo vocal. As duas irmãs decidiram depois juntar suas vozes à Cia. Vocal Enrico Nery, e lá ficaram até o

ano passado. Desde o início de 2015, fazem parte da orquestra francana.

Lado a lado na música, as irmãs ainda trabalharam juntas como advogadas em Franca depois que se formaram, em 2000, até ingressarem no Fórum, cinco anos mais tarde. Hoje, tanto Paula quanto Leticia estão casadas. Leticia tem um filho e Paula ainda arranja tempo para dar aulas de Direito Agrário na Universidade de Franca (Unifran). "É cansativo, mas ao mesmo tempo prazeroso", declara. "Se tivesse de escolher uma única atividade, optaria pela música, mas no Brasil poucos artistas sobrevivem apenas do seu talento."



Os vencedores do Prêmio de Comunicação Estratégica

Comissão julgadora elogiou qualidade dos trabalhos apresentados por escrito e oralmente

O Prêmio Unesp Comunicação Estratégica 2015, promovido pelo Comitê Superior de Comunicação Social (CSCS) da Unesp, com apoio das Fundações Unesp e Vunesp, anunciou, no dia 13 de agosto, as duas equipes vencedoras. A Aptus e a Abração foram declaradas empatadas em primeiro lugar e cada uma delas receberá R\$ 1.750. Em terceiro lugar ficou a equipe Drip, que receberá R\$ 500. As três concorrentes haviam passado por uma primeira etapa classificatória.

A Aptus foi formada por Isabela Pinheiro da Costa, Maísa Amélia Fernandes Machado e



Chello Fotógrafo

Alunos comemoram anúncio do prêmio, que incentivou criação de Plano Estratégico de Comunicação

Mariana Handfest Del Nero. A Abração reuniu os alunos Gabriele Rodrigues Alves da Silva, Marcos Aurélio Cardinalli, Paulo Keiko Nishi, Pepita Martín Oretga e Tamiris Tinti Volcean.

Já a Drip teve como membros Lucas Quinelato Cavalcante, Luiza Chueri Marcondes e Vítor Zangerolamo.

Integraram a Comissão Julgadora representantes do CSCS,

da Fundunesp e da Vunesp, que elogiaram a qualidade e a competência dos trabalhos apresentados por escrito e oralmente. Todos os alunos participantes do Prêmio são

da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Unesp de Bauru, que também apoiou essa iniciativa.

O objetivo principal do Prêmio foi incentivar estudantes da Unesp, principalmente os de Comunicação, a desenvolverem um Plano Estratégico de Comunicação voltado para estratégias e ações inovadoras no âmbito da comunicação institucional, interna e externa. Buscou ainda disseminar a missão do CSCS e incentivar o engajamento de alunos da Universidade, em especial os da área de Comunicação, na discussão de políticas de comunicação na Universidade.

Universidade recebe ibero-americanos

Marcos Jorge

Marcos Jorge



Equipe da Propg, com estudantes ibero-americanos, que poderão fazer curso on-line de português

A Pró-Reitoria de Pós-Graduação (Propg) recebeu no dia 3 de agosto, na Reitoria da Unesp, um grupo de nove estudantes de doutorado ibero-americanos. Eles realizarão suas pesquisas na Universidade nos próximos quatro anos, como parte do Programa de Apoio a Estudantes de Doutorado do Exterior (Paedex).

O Paedex é oferecido pela Propg em parceria com a Associação Universitária Ibero-Americana de Pós-Graduação (AUIP). Em 2015, a Unesp recebe bolsistas de Espanha, Cuba, Equador, Cuba e Peru.

O pró-reitor de Pós-Graduação, professor Eduardo Kokubun, abriu o evento de recepção apresentando dados sobre a Unesp e sua presença dentro do ensino superior brasileiro, além de explicar o sistema de avaliação dos programas de pós-graduação promovido pela Co-

ordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). "Todos vocês foram selecionados para programas com nível mínimo de excelente, pois esse é um critério estabelecido no Paedex", explicou. O professor também destacou que a sintonia entre as pesquisas que os alunos desenvolvem em seus países e as áreas da Unesp também colaborou na seleção.

Um dos recém-chegados à Unesp é Ivan Carlos Vilches, docente da Pontifícia Universidade Católica do Peru. Ivan é doutor em Educação e pretende desenvolver seus estudos na área de políticas educativas para pessoas com deficiência. "O que nós notamos é que as políticas educacionais para esses grupos não estão muito bem desenvolvidas na América Latina. A Unesp, por sua vez, realiza pesquisas preciosas nessa área do conhecimento e es-

pero aproveitar ao máximo essa experiência aqui", explica.

A partir deste ano, os bolsistas contarão com um curso on-line de português para estrangeiros que falem o idioma espanhol ou inglês. A ideia nessa fase inicial é que o programa atenda 50 alunos de pós-graduação e 50 de graduação. "Essa é uma demanda que chegou até nós pela Arex [Assessoria de Relações Externas] e pela ProPG, que sentiram essa dificuldade com os estudantes estrangeiros", explica a pró-reitora de Extensão, professora Mariângela Lopes Fujita, que apresentou o programa na reunião.

Sob a coordenação da professora Paula Tavares Pinto, do Câmpus de São José do Rio Preto, o curso foi elaborado por docentes da Unesp que atuam no ensino de Português como língua estrangeira e em áreas afins.

Alunos são destaque na Sorbonne

Cinco alunos da Unesp se destacaram no Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI-França). O programa, iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), selecionou projetos de parceria entre cursos de licenciatura do Brasil e universidades francesas para realização de graduação sanduíche por brasileiros, com dupla diplomação.

Após dois anos de estudos, Beatriz Lages Lordello, Camilla Fernanda dos Santos, Carla Alexandra Ezarqui, Horácio Dib Gonçalves Ribeiro e Tatiane da Silva obtiveram o diploma de conclusão pela Universidade Sorbonne – Paris IV (Licence 3 – Lettres – Portugais–Français). "Quatro deles receberam menção de louvor e a Carla Alexandra sobressaiu-se como a melhor aluna do Programa PLI/Letras 2013–2015", informa Ester Myriam Rojas Osorio, professora do Câmpus de Assis

e coordenadora da Equipe PLI Letras Sorbonne/Unesp.

A professora Ester enfatiza que os estudantes tiveram o apoio da equipe de coordenação para superarem a barreira linguística e outras dificuldades. "As experiências de todos os membros foram consideradas sempre em nossos planos de ações", afirma Ester, que teve também o auxílio dos professores tutores Norma Domingos e Carlos Eduardo Mendes de Moraes.

Estudante do Câmpus de Araraquara, Carla Alexandra considera que sua experiência no exterior foi fundamental para sua formação. "Para mim, que sou estudante de Letras, viver dois anos na França me proporcionou adquirir capacidades em um relativamente curto espaço de tempo; algumas delas eu não adquiriria permanecendo no Brasil, em razão da ausência de contato com o registro autêntico da língua francesa, seja qual for o nível", comenta.



O dirigente da Sorbonne Jobert Barthélémy (cabelo grisalho), com integrantes do programa PLI e alunos da Unesp

AGÊNCIA UNESP DE INOVAÇÃO

Congresso Mundial de Química 2017 será no Brasil



Entre os dias 7 e 14 de agosto, a cidade de Busan, na Coreia do Sul, recebeu o 45º Congresso Mundial de Química – Iupac 2015. O evento registrou a presença de cerca de 3 mil pesquisadores, professores e estudantes, entre os quais quatro prêmios Nobel.

Uma comitiva da Sociedade Brasileira de Química (SBQ) participou do encontro, divulgando a próxima edição do congresso, que será realizada em São Paulo, em julho de 2017. O grupo foi integrado por Adriano Andricopulo, presidente da SBQ e da Iupac 2017, Luiz Henrique Catalani, vice-presidente da SBQ, Luiz Fernando Silva Jr, secretário-geral, e Vanderlan Bolzani, conselheira da entidade, professora da Unesp de Araraquara e

diretora-executiva da Agência Unesp de Inovação (AUIN).

A União Internacional para a Química Pura e Aplicada (Iupac) é reconhecida em nível mundial como autoridade em nomenclatura, terminologia, padronização de métodos de pesos e medidas, peso atômico e outros dados químicos. A SBQ é afiliada à Iupac e tem a professora Vanderlan como sua representante.

Em Busan, Andricopulo apresentou o congresso de 2017 na assembleia geral da Iupac, no dia 13, e também no encerramento do encontro, quando oficialmente o Brasil assumiu a direção do maior evento da comunidade química mundial.

Vanderlan apresentou a base de dados de 640 substâncias isoladas de espécies vegetais da Mata Atlântica e do Cerrado,

produzida a partir dos estudos do Núcleo de Bioensaios, Biossíntese e Ecofisiologia de Produtos Naturais (NuBBE), do Instituto de Química da Unesp de Araraquara. “Este banco de dados, resultado de 15 anos de pesquisa no Biotá-Fapesp, reúne dados botânicos, farmacológicos e químicos de metabólitos secundários dessas espécies que vêm sendo investigadas nos últimos anos, e pode ser a semente de uma grande base de dados da biodiversidade brasileira”, declarou a professora.

Com informações da Assessoria de Imprensa da SBQ.

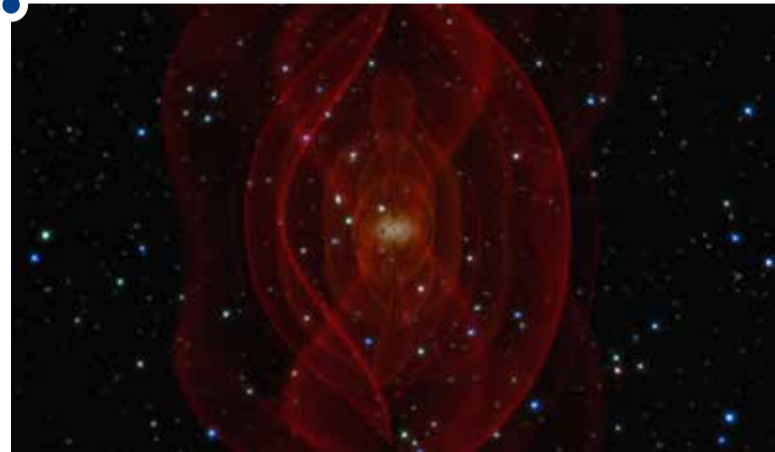
Projeto busca detectar ondas gravitacionais

Ricardo Aguiar

Em setembro, o projeto Laser Interferometer Gravitational – Wave Observatory (LIGO) começará seus trabalhos para tentar detectar, pela primeira vez de maneira direta, ondas gravitacionais. Membro dessa colaboração internacional, o pesquisador Riccardo Sturani, do ICTP-SAIFR, foi um dos organizadores da Escola em Ondas Gravitacionais, realizada no instituto entre os dias 3 e 11 de agosto. Alunos provenientes de diversos países da América do Sul tiveram palestras sobre essa recente área da Física, que deverá ganhar mais destaque com o início das atividades do LIGO.

“Como essas ondas ainda não foram detectadas diretamente, temos poucos dados e poucas pessoas que trabalham com isso na América do Sul”, diz Sturani. “Através de aulas, exercícios e discussões, abordamos desde aspectos teóricos até práticos, como técnicas de análise de dados.”

A Escola reuniu pesquisadores internacionais de ponta na área, como Alessandra Buonanno (Instituto Max Planck, Potsdam, Alemanha), Stefano Foffa (Universidade de Geneva, Itália), Sergej Klimentenko (Universidade da Fló-



Nasa

Curso abordou fenômeno que ainda não foi detectado diretamente

rida, EUA), Enrico Ramirez-Ruiz (Universidade Califórnia-Santa Cruz, EUA) e Walter Del Pozzo (Universidade de Birmingham, Reino Unido).

ONDAS GRAVITACIONAIS

Ao se moverem, todos os corpos que têm massa produzem ondas gravitacionais, que se propagam pelo espaço assim como uma onda se propaga na água, porém são muito fracas. Apenas sistemas com grande quantidade de matéria, como aqueles constituídos por buracos negros, conseguem produzir ondas gravitacionais detectáveis. Até o momento, sua existência foi confirmada apenas

indiretamente, pela energia que é emitida em forma de ondas.

Explicando de maneira simplificada, a ideia do LIGO para detectá-las diretamente é baseada em um sistema de lasers e espelhos. Ao passar pelo sistema, uma onda deverá alterar o tempo que um laser leva para ir até um espelho, ser refletido e voltar a um detector.

A detecção direta de ondas gravitacionais permitiria, por exemplo, o estudo de corpos astronômicos que não emitem luz, mas que emitem essas ondas. “Nossa expectativa é que ondas gravitacionais sejam detectadas diretamente pelo LIGO nos próximos dois ou três anos”, diz Sturani.



GOVERNADOR: Geraldo Alckmin
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SECRETÁRIO: Márcio França

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

REITOR: Julio Cezar Durigan
VICE-REITORA: Marilza Vieira Cunha Rudge
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO: Carlos Antonio Gamero
PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO: Laurence Duarte Colvara
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO: Eduardo Kokubun
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
Mariângela Spotti Lopes Fujita
PRÓ-REITORA DE PESQUISA: Maria José Soares Mendes Giannini
SECRETÁRIA-GERAL: Maria Dalva Silva Pagotto
CHEFE DE GABINETE: Roberval Daiton Vieira
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
E IMPRENSA: Oscar D'Ambrosio
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE INFORMÁTICA:
Edson Luiz França Senne
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA JURÍDICA:
Edson César dos Santos Cabral
ASSESSOR-CHEFE DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO:
Mario de Beni Arrigone
ASSESSOR-CHEFE DE RELAÇÕES EXTERNAS:
José Celso Freire Júnior
ASSESSOR ESPECIAL DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO:
Rogério Luiz Buccelli
DIRETORES/COORDENADORES-EXECUTIVOS DAS UNIDADES
UNIVERSITÁRIAS:
Max José de Araújo Faria Júnior (FMV-Araçatuba), Wilson Roberto Poi (FO-Araçatuba), Cleopatra da Silva Planeta (FCF-Araçatuba), Andreia Affonso Barretto Montandon (FO-Araçatuba), Arnaldo Cortina (FCL-Araçatuba), Leonardo Pezza (IQ-Araçatuba), Ivan Esperança Rocha (FCL-Assis), Nilson Ghirardello (FAAC-Bauru), Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger (FC-Bauru), Edson Antonio Capello Sousa (FE-Bauru), João Carlos Cury Saad (FCA-Botucatu), Pasqual Barretti (FM-Botucatu), Maria Dalva Cesarino (IB-Botucatu), José Paes de Almeida Nogueira Pinto (FMVZ-Botucatu), Paulo Alexandre Monteiro de Figueiredo (Dracena), Célia Maria David (FCHS-França), Marcelo dos Santos Pereira (FE-Guaratinguetá), Rogério de Oliveira Rodrigues (FE-Ilha Solteira), Ricardo Marques Barreiros (Itapeva), Pedro Luis da Costa Aguiar Alves (FCAV-Jaboticabal), José Carlos Miguel (FFC-Marília), Andréa Aparecida Zacharias (Ourinhos), Marcelo Messias (FCT-Presidente Prudente), Reginaldo Barboza da Silva (Registro), Jonas Contiero (IB-Rio Claro), Sérgio Roberto Nobre (IGCE-Rio Claro), Renata Maria Ribeiro (Rosana), Maria Tercília Vilela de Azeredo Oliveira (Ibilce-São José do Rio Preto), Estevão Tomomitsu Kimpara (ICT-São José dos Campos), Mario Fernando Bolognesi (IA-São Paulo), Rogério Rosenfeld (IFT-São Paulo), Wagner Cotroni Valenti (CLP-São Vicente), André Henrique Rosa (Sorocaba) e Danilo Florentino Pereira (Tupã).

jornalunesp

EDITOR: André Louzas
REDAÇÃO: Cíntia Leone e Daniel Patire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Ricardo Aguiar (texto), Marcos Jorge (texto e foto), Chello Fotógrafo, Paulo Velloso e Renato Coelho (fotos)
EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO: Phábrica de Produções (diretores de arte: Alecsander Coelho e Paulo Ciola) (diagramadores: Bruna Rodrigues, Jéssica Teles, Marcelo Macedo e Rodrigo Alves)
REVISÃO: Maria Luiza Simões
PRODUÇÃO: Mara Regina Marcato
ASSISTENTE DE INTERNET: Marcelo Carneiro
APOIO ADMINISTRATIVO: Thiago Henrique Lúcio
TIRAGEM: 6 mil exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da Unesp, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-010, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
HOME PAGE: <http://www.unesp.br/jornal>
E-MAIL: jornalunesp@reitoria.unesp.br

IMPRESSÃO: 46 Indústria Gráfica

VEÍCULOS

Unesp Agência de Notícias:
<<http://unan.unesp.br/>>.
Rádio Unesp:
<<http://www.radio.unesp.br/>>.
TV Unesp:
<<http://www.tv.unesp.br/>>.

NOVAS CORRESPONDÊNCIAS

Pesquisa e exposição mostram como a Arte Postal continua vigorosa em tempos de Internet

Oscar D'Ambrosio

Realizar uma pesquisa e uma exposição de Arte Postal em plena era da comunicação virtual pode soar estranho. No entanto, foi justamente esse o desafio enfrentado por Isabel Pochini, em seu Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes (IA) da **Unesp** para obtenção do grau de Bacharelado em Artes Visuais.

Intitulado "IDENTIFIQUE-SE: Exposição de Mail Art, uma poética compartilhada", o trabalho, realizado sob orientação do professor Norberto Stori, reflete inicialmente sobre o cartão-postal como objeto estético. São abordadas as motivações sociocomunicativas que originaram a sua criação, e as transformações por que passou ao longo da história.

O estudo ressalta, por exemplo, que a simplificação da carta surgiu da necessidade de comunicação mais eficiente, em uma época de crescimento econômico e grande fluxo migratório, onde o Correio era dispendioso e demorado. "Em janeiro de 1869, Emmanuel Hermann, um professor de economia na Academia Militar de Viena, publicou o artigo 'Acerca de um novo meio de correspondência'. A partir daí, fica registrada a criação do 'bilhete postal', dando início às vendas do *Correspondenzkarte*, que consistia em um cartão que media 8,5 cm x 12,2 cm e que obteve rápida aceitação de público, em especial nas classes emergentes", conta Isabel.

No início, as imagens foram produzidas com desenhos, gravuras e pinturas e, depois, com fotografias. "As imagens foram gradativamente ocupando a frente dos postais, e o destinatário deslocou-se para o verso", explica a pesquisadora.

MOVIMENTO ARTÍSTICO

Em seu trabalho, Isabel trata também da Arte Postal, que registra no ano de 1962 o marco formal do seu surgimento. Nessa ocasião, quando o artista americano neodadaísta Ray Johnson (1927-1995) criou sua "New York Correspondance School of Art", estabeleceu-se um padrão de atuação da Arte Postal, que vigora até os dias de hoje.

No Brasil, a primeira Exposição Internacional de Arte Postal foi realizada em 1975, no Recife, organizada por Paulo Bruscky, Daniel Santiago e Ypiranga Filho. Ocorreu no salão de entrada do Hospital Agamenon Magalhães, e foi fechada pela censura do regime militar, minutos após sua abertura. "O contexto político trouxe aos artistas que participavam prisões e torturas", aponta Isabel.

A partir da década de 1980, alguns eventos trazem vigor à Arte Postal, destacando-se, em 1981, a inclusão desse movimento na 16ª Bienal de São Paulo. "Os artistas que participavam faziam trocas em formato de cartas ilustradas, envelopes ilustrados e/ou decorados, cartões-postais, fanzines e também objetos tridimensionais", narra a autora do trabalho.

EXPOSIÇÃO

A pesquisa conta ainda as experiências de Isabel como organizadora da Exposição Internacional de Arte Postal IDENTIFIQUE-SE, que ocorreu na Galeria do IA, de 3 a 14 de março de 2015, com participantes de Brasil, Argentina, Itália, Uruguai, Espanha, Bélgica, Rússia, Austrália e Alemanha.

"O resultado do projeto demonstrou a extensão da necessidade da atividade artística de pequenos formatos e o prazer obtido com o fato de a exposição acontecer fisicamente, nos dias de hoje, onde a internet impera. Funcionou como registro histórico dessa expressão artística do pensamento humano, interagindo com seu contexto social, político e cultural", avalia Isabel.

A partir da convocatória para a exposição, as pessoas foram em busca de si e das características que poderiam emergir para a execução de seus postais. "Cada um falou por si; o seu modo de ver e de se identificar", conclui a pesquisadora.

Para Isabel, a Arte Postal parece ser ainda uma forma potente de mobilização coletiva com possibilidades intermediárias de expressão, comunicação e criatividade. Ela acredita que a rede e o intercâmbio existentes entre artistas e não-artistas de vários lugares do mundo são a essência desse movimento.



Trabalho de Carmen Garcia: exposição em São Paulo teve participação de nomes de nove países

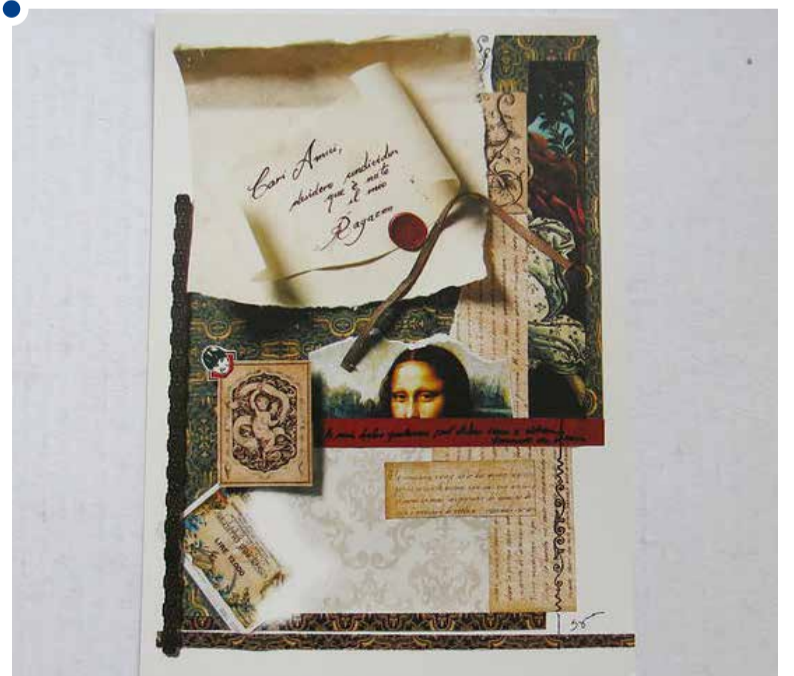


Criação de João Manccini: para Isabel, Arte Postal é recurso poderoso de mobilização coletiva

Na Arte Postal, a interação é o que ainda parece movimentar as pessoas. "A Internet transformou-se em aliada, funcionando como um espaço para divulgação das convocatórias e exibição das exposições da Arte Postal, refutando a possibilidade de ameaça à sua prática com a redução do uso do Correio", acredita Isabel.

Para obter mais detalhes sobre a Exposição Internacional de Arte Postal IDENTIFIQUE-SE, acesse: <http://goo.gl/bW2TuD>.

Mais informações: isabelpochini@uol.com.br.



Obra de Suzana Meyer Garcia: mostra também foi registro histórico dessa expressão artística

Imagens reprodução